

UNIVERSIDADE DE TRÁS OS MONTES E ALTO DOURO

2º Ciclo (Mestrado) em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório de Atividade Profissional

(Ao abrigo da “recomendação CRUP”)

Autor: Carlos Miguel Coelho Jacinto

Orientador: Professor Doutor António José Silva



Vila Real, 2020

UNIVERSIDADE DE TRÁS OS MONTES E ALTO DOURO

2º Ciclo (Mestrado) em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Relatório de Atividade Profissional

(Ao abrigo da “recomendação CRUP”)

Autor: Carlos Miguel Coelho Jacinto

Orientador: Professor Doutor António José Silva

Composição do Júri:



Vila Real, 2020

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor António José Silva pela disponibilidade e orientação ao longo deste processo.

Aos meus colegas de Mestrado pelo companheirismo e insistência permanente entre todos.

Aos colegas de Educação Física com quem me cruzei no meu percurso profissional, e que de alguma forma me fizeram aprender e crescer.

Às grandes mulheres da minha vida, por tudo o que representam e o quanto me apoiam em tudo, a minha mãe, a minha esposa e a minha filha.

RESUMO

Este relatório foi realizado tendo em vista da obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Este relatório de atividade profissional sintetiza o meu percurso profissional, especialmente focado na minha experiência enquanto docente de Educação Física na Escola Básica de Lagoa, mas também alargado a outras vivências paralelas que de forma evidente influenciaram o meu percurso profissional.

Desde o início da idealização deste trabalho, pretendemos que este fosse essencialmente dirigido a aspetos práticos, da realidade que encontrei ao longo destes anos, centrando-nos sempre em questões empíricas e partindo depois para uma análise mais reflexiva e contextualizada. O facto de apresentarmos este relatório em vários temas ou capítulos, permitiu-nos, de certa forma, focar isoladamente assuntos que estarão sempre interligados, mas que assim podemos abordar de forma mais profunda e objetiva. Partimos de um enquadramento geral do meu percurso enquanto docente para uma contextualização da realidade onde lecionei grande parte do tempo que vivi na Ilha de São Miguel. Seguidamente analisamos aspetos inerentes à função docente em Educação Física, e as suas particularidades, abordando as temáticas que nos parecem mais importantes, sempre com uma perspetiva de expor a minha realidade, com exemplos reais e procurando enquadrar de forma global. Uma vez que a função de professor, nunca se restringe à efetiva lecionação, apresentamos posteriormente os cargos que exerci neste período, e que me fizeram olhar para a função de professor de forma mais abrangente, e que de forma direta se relacionam com a docência. Antes da análise final, fazemos ainda referência a dois campos onde, paralelamente desenvolvi atividades, o basquetebol e o trail running, que muito me fizeram crescer profissionalmente e que foram muito marcantes nesta fase da minha vida em que trabalhei na Ilha de São Miguel.

Palavras-chave: Educação Física, Ensino, Pedagogia, Coordenação.

ABSTRACT

Being a candidate for the Master's Degree in Physical Education Teaching at Primary, Middle and Secondary Levels, this report is not only the result of my professional career as a Physical Education teacher at Lagoa Primary School, but also of the personal experiences that shaped my professional career.

This analysis relies essentially and intentionally on practical and real aspects that were part of my daily life over the last years. The intention of this study is, from its conception, to focus on empirical questions and then to apply them to a more reflective and contextualized methodology.

Dividing the thesis into topics and chapters allows us to focus on particular issues that, although being connected to each other, can here be given a deeper and more objective approach.

My career as a teacher in São Miguel Island was the real context of the research. Then I intended to explore what it seems to me important particular features in teaching Physical Education, based on my personal experience, that can be used in general contexts.

Since school and education isn't just about teaching, this study also covers the positions I held during this period of time, since they extended my awareness of the important role teachers play. Before the final part of the analysis, two areas where I developed activities are referred (basketball and trail running). These made me grow either as an individual and as a teacher, turning the period of time where I worked in São Miguel remarkable.

Keywords: Physical Education, Teaching, Pedagogy, Coordination.

INDÍCE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
ÍNDICE	iv
LISTA DE ABREVIATURAS	v
LISTA DE IMAGENS	vi
LISTA DE GÁFICOS.....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PERCURSO PROFISSIONAL ENQUANTO DOCENTE	2
3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DE INTERVENÇÃO	4
3.1 Caraterização geográfica.....	4
3.2 Caraterização demográfica.....	5
3.3 Caraterização socioeconómica.....	7
3.4 Caraterização do nível de escolaridade	10
3.5 Caraterização da Escola.....	12
3.5.1 Infraestruturas.....	12
4. REFLEXÃO DA ATIVIDADE DOCENTE	15
4.1 Função docente.....	15
4.2 Função docente em Educação Física.....	16
4.3 Planeamento da aula de Educação Física	17
4.4 Processo de Avaliação	19
4.5 Organização das aulas	20
4.6 Gestão do tempo de aula.....	25
4.7 Observação e intervenção em aula	25
4.8 Identificação do modelo de lecionação da Educação Física no 1º ciclo.....	28
5. CARGOS EXERCIDOS	32
5.1 Diretor de Turma	32
5.2 Equipa da Saúde Escolar	34
5.3 Membro da Comissão de Coordenação de Desempenho Docente.....	35
5.4 Representante da disciplina de Educação Física.....	36
6. PERCURSO ENQUANTO TREINADOR DE BASQUETEBOL E COORDENADOR DA FORMAÇÃO.....	38
7. ORGANIZAÇÃO DE PROVAS DE TRAIL RUN	47
8. REFLEXÃO FINAL	51
9. BIBLIOGRAFIA.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS

EF - Educação Física

EBIL – Escola Básica Integrada de Lagoa

DT – Diretor de Turma

INE – Instituto Nacional de Estatística

RAA – Região Autónoma dos Açores

ABSM – Associação de Basquetebol de São Miguel

SDSM – Serviços de Desporto de São Miguel

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Mapa da Ilha de São Miguel por Concelhos

Imagem 2: Mapa do Concelho de Lagoa por Freguesias

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População residente no Concelho de Lagoa

Gráfico 2 – Distribuição dos residentes no Concelho de Lagoa por escalão etário e género

Gráfico 3 - Beneficiários de Rendimento Social de Inserção

Gráfico 4 – População com mais de 15 anos por nível de escolaridade

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ganho médio mensal dos trabalhadores por setor de atividade e poder de compra

Tabela 2 – Taxa de retenção e desistência no ensino básico

1. INTRODUÇÃO

A elaboração deste relatório de atividade profissional será centrada no exercício da minha atividade profissional, num período muito especial da minha vida. A Ilha de São Miguel e a Escola Básica Integrada de Lagoa serão sempre um marco fundamental no meu percurso como docente, mas também como profissional da área da Educação Física e do Desporto, e até da minha vida pessoal. Fui neste período influenciado por um conjunto de fatores que, com toda a certeza, fazem com que seja hoje um professor muito diferente daquele que em dois mil e cinco pisou a ilha pela primeira vez.

Quando surgiu a oportunidade da elaboração deste trabalho, no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, defini que tinha como objetivo focar na minha realidade específica, aproveitando para relatar exemplos práticos e experiências vivenciadas, objetivando assim a minha visão deste período tão enriquecedor do ponto de vista profissional.

Será inicialmente elaborado um enquadramento, a vários níveis, do meio e espaço de intervenção, da Cidade e Concelho de Lagoa, e seguidamente da Escola propriamente dita.

O exercício da função docente terá sempre de ter um enquadramento teórico como ponto de partida, partindo até de aspetos legais e de algum enquadramento bibliográfico, pretendo fazer esta análise de forma integrada incorporando situações pedagógicas práticas. Esta análise terá a função docente como pano de fundo, mas em especial, a função docente em Educação Física, dadas as suas especificidades e a sua pedagogia muito própria.

Pretendo apresentar de que forma exerci outras atividades e funções paralelas à escola, e que tiveram um papel muito importante no meu percurso.

A minha visão será apresentada com seriedade e verdade, expondo os aspetos que me parecem centrais e de interesse para este relatório.

2. PERCURSO PROFISSIONAL ENQUANTO DOCENTE

Uma vez que olho para o meu estágio pedagógico como um momento de verdadeira aprendizagem prática, importa aqui referi-lo, este foi realizado na Escola Básica de São Miguel, na Guarda, lecionando a disciplina de Educação Física (EF) a uma turma de 5º ano, esta leção foi realizada em alternância com outros colegas, sendo, todas as aulas alvo de observação e posterior análise. Esta experiência revelou-se importantíssima pela forma como me permitiu operacionalizar os conteúdos abordados durante a licenciatura, e adquirir competências para a efetiva leção que se iniciou no ano letivo seguinte, sempre com a orientação e supervisão de professores mais experientes.

Uma vez terminada a minha licenciatura, iniciei o meu percurso profissional no ano letivo 2003/2004 como professor de Educação Física no Agrupamento de Escolas de Cascais, e em regime de completamento de horário na Coordenação Concelhia do Ensino Recorrente e Extraescolar de Cascais. No ano letivo seguinte, 2004/2005, foi colocado no Agrupamento de Escolas do Sabugal, onde exerci funções de professor de apoio para o 1º ciclo, este exercício fora do âmbito da Educação Física, fez-me olhar para o processo de ensino como algo global, alargado e transversal, uma vez que lecionei diversos conteúdos de diversas áreas curriculares, em turmas de todos os anos de escolaridade e em diferentes contextos. No ano letivo 2005/2006, iniciou-se a minha grande aventura pelos Açores, mais em concreto na Ilha de São Miguel. Fui então colocado na Escola Básica Integrada dos Ginetes, como docente de 1º ciclo, titular de uma turma de 1º ano, em exercício na Escola Básica do 1º Ciclo Comendador Ângelo José Dias, nos Mosteiros. Este foi, provavelmente, o ano letivo mais marcante e mais diferenciado da minha carreira, pela adaptação à ilha, pela singularidade da Escola e principalmente pela leção a uma turma de 1º ano. Nos anos seguintes lecionei Educação Física em várias escolas da ilha, a saber: em 2006/2007 na Escola Básica Integrada da Ribeira Grande, onde iniciei, paralelamente, um projeto ligado ao Basquetebol e que pretendo abordar adiante neste relatório; em 2007/2008 na Escola Básica e Secundária

de Vila Franca do Campo; em 2008/2009 e 2009/2010 na Escola Básica Integrada Roberto Ivens.

No ano letivo seguinte, 2010/2011 fiquei colocado em Quadro de Nomeação Definitiva na Escola Básica Integrada de Lagoa (EBIL), onde exerci funções até ao ano letivo 2017/2018, é sobre este período profissional, que pretendo centrar, em especial, a minha análise neste relatório, em termos docentes, uma vez que foi aqui que lecionei grande parte do meu percurso, e foi a esta Escola que ficarei para sempre ligado. Nesta, para além das inerências óbvias relacionadas com a função docente de Educação Física, exerci vários cargos, a saber: em 2010/2011, Diretor de Turma; em 2011/2012, Diretor de Turma; em 2012/2013 Professor responsável pelas Atividades Desportivas Escolares e Comissão de Avaliação Docente; em 2013/2014, Diretor de Turma, Professor responsável pelas Atividades Desportivas Escolares e Comissão de Avaliação Docente; em 2014/2015, Diretor de Turma e Professor responsável pelas Atividades Desportivas Escolares e Equipa da Saúde Escolar; em 2015/2016, Representante da Disciplina de Educação Física no Departamento; Professor responsável pelas Atividades Desportivas Escolares e Equipa da Saúde Escolar; em 2016/2017, Diretor de Turma; 2017/2018, Diretor de Turma, Representante da Disciplina de Educação Física no Departamento; Professor responsável pelas Atividades Desportivas Escolares.

O ano letivo 2018/2019 marcou o início de um novo ciclo profissional e o final deste caminho ligado a esta incrível ilha e este fantástico povo, regressando assim a uma escola do continente, exerço funções enquanto Docente do Quadro de Escola do Agrupamento de Escolas de Paredes. No Ano letivo 2018/2019 fui ainda responsável pelos grupos Equipa do Desporto Escolar de Voleibol e Futsal. No presente ano letivo, 2019/2020, exerço função como Diretor de Turma e continuo responsável pelos grupos Equipa do Desporto Escolar de Voleibol e Futsal.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DE INTERVENÇÃO

3.1 Caracterização geográfica

Como referido anteriormente, pretendo debruçar de forma mais incisiva este trabalho de análise docente sobre o período temporal entre o ano letivo 2010/2011 e 2017/2018, intervalo esse em que fui orgulhosamente professor na Escola Básica Integrada de Lagoa (EBI de Lagoa), na cidade de Lagoa, Ilha de São Miguel. Como tal, e por forma a melhor enquadrar essa realidade, farei uma caracterização a diversos níveis por forma a contextualizar o local da minha intervenção.

O concelho de Lagoa localiza-se na costa sul da maior e mais populosa das nove ilhas do arquipélago dos Açores, a Ilha de São Miguel. É o mais pequeno dos seis concelhos da ilha, sendo limitado pelos municípios de Ponta Delgada (a oeste), Ribeira Grande (a norte) e Vila Franca do Campo (a leste), ficando a sua sede a cerca de nove quilómetros da principal cidade açoriana, Ponta Delgada.



Imagem 1: Mapa da Ilha de São Miguel por Concelhos

O concelho de Lagoa apresenta uma área global de 45,6 km² e é constituído apenas por cinco freguesias: Nossa Senhora do Rosário e Santa Cruz, que juntas formam a cidade de Lagoa, e ainda Cabouco, a vila de Água de Pau e Ribeira Chã.



Imagem 2: Mapa do Concelho de Lagoa por Freguesias

De referir aqui que a Escola Básica Integrada de Lagoa serve apenas alunos oriundos das três primeiras freguesias, uma vez que a vila de Água de Pau, também é dotada de Escola Básica Integrada, que serve a população da vila e da freguesia vizinha de Ribeira Chã.

3.2 Caracterização demográfica

Em termos demográficos, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), o concelho de Lagoa apresenta um aumento da população desde 1981, sendo mais evidente este crescimento a partir dos anos 90 até a atualidade. Com a exceção de Água de Pau e Ribeira Chã que apresentam um crescimento irregular, com crescimento e deflação de população, muito associado também a processos de emigração, as restantes freguesias indicam sinais de crescimento populacional positivos entre os anos de 1981 e 2011. De acordo com os Censos 2011 o concelho de Lagoa apresentava uma população total de 14.442 habitantes. As freguesias a destacar são Nossa Senhora do Rosário, por ser a mais populosa, e pelos motivos inversos Ribeira Chã com o menor número de habitantes. Destaca-se ainda a existência de duas freguesias com um número total de habitantes quase semelhantes, Água de Pau e Santa Cruz.

O gráfico abaixo sintetiza os dados referidos acima de forma comparativa entre as freguesias do concelho, segundo os dados do INE.

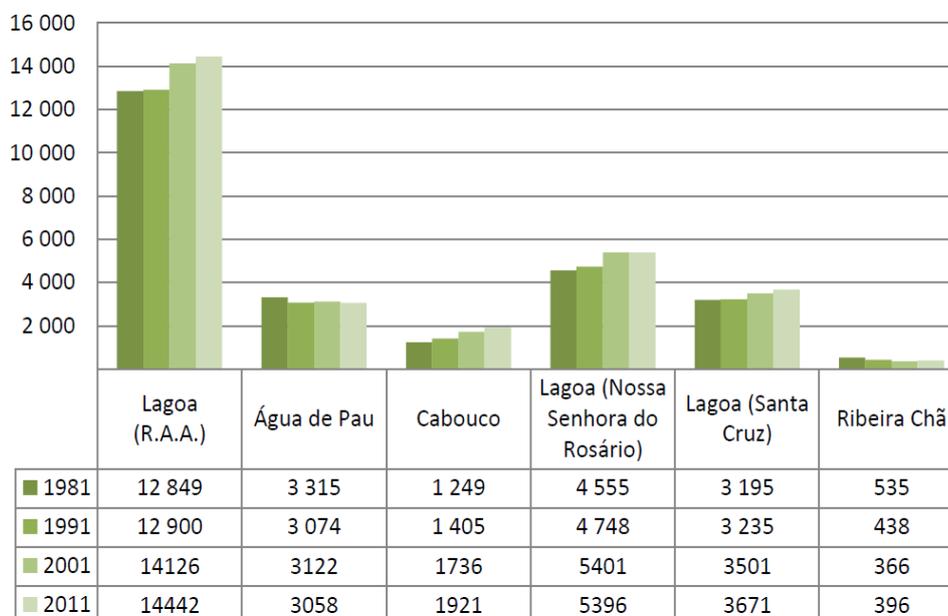


Gráfico 1 – População residente no Concelho de Lagoa

Segundo a base de dados Pordata, esta tendência de crescimento populacional continua, uma vez que para o ano de 2016, apresenta uma população total de 14.705 residentes no concelho. Este fator pode de alguma forma estar relacionado com o facto de algumas jovens famílias fugirem do concelho de Ponta Delgada, pelos valores excessivos da habitação e optam por fixar residência no concelho vizinho de Lagoa. A juntar a este fator, a freguesia do Cabouco tem sido dotada de habitação a custos controlados, para famílias carenciadas, o que certa forma também influencia estes números. Em semelhança ao acontece em todo o país e em praticamente todo o mundo ocidental também o concelho de Lagoa apresenta uma população envelhecida.

No entanto, esta configuração não é excessivamente evidente. Como se percebe no gráfico abaixo a base é claramente mais estreita, quando comparada com a classe jovens adultos e adultos. Reflete uma diminuição gradual da natalidade, mas por outro lado apresenta uma população jovem em idade ativa muito interessante.

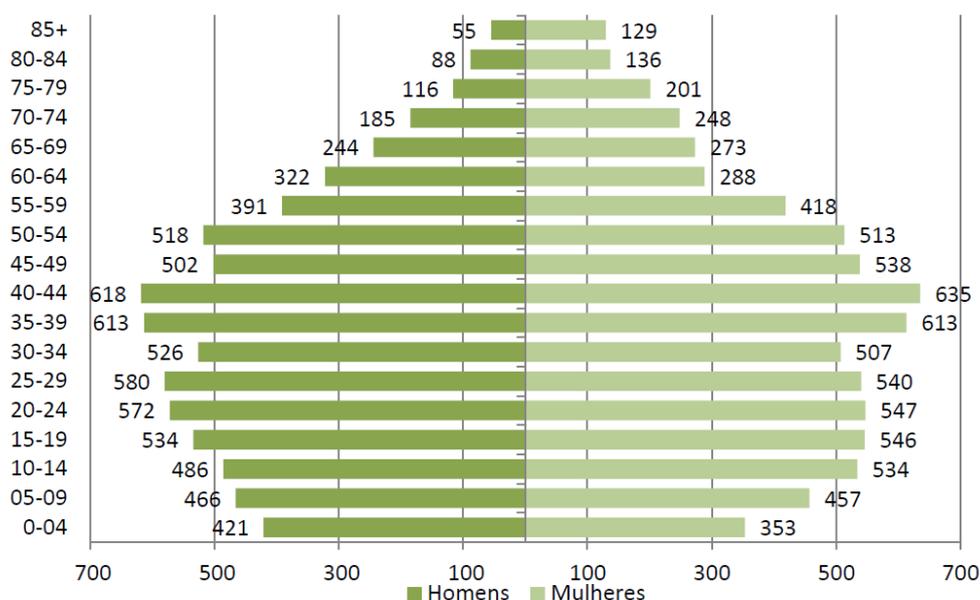


Gráfico 2 - Distribuição dos residentes no Concelho de Lagoa por escalão etário e género

Com dados relativos a 2016, obtidos no Portal Pordata, e no que a este relatório pode dizer, diretamente mais respeito, percebe-mos que mais 3000 indivíduos se encontravam em idade escolar, com idades entre os 5 e os 19 anos, o que representa mais de 20% da população. Ainda que, obviamente nem todos frequentariam a EBI de Lagoa, os residentes nas freguesias de Água de Pau e Ribeira Chã frequentam, por regra a EBI de Água de Pau e uma parte muito significativa destes alunos frequenta a Escola Secundária de Lagoa.

3.3 Caracterização socioeconómica

Para podermos fazer uma correta análise da caracterização da população escolar, importa também trazer uma perspetiva de observação da situação socioeconómica do concelho. Daí a importância de uma breve abordagem deste tema, de modo a conhecer a esta realidade do concelho. Tendo em conta a interpretação dos dados da base de dados Pordata, no concelho da Lagoa, as atividades ligadas ao setor primário, onde se incluem a agricultura, a pesca e a pecuária a ocupação é de 8% da população ativa, enquanto o setor secundário, ligado às atividades industriais emprega 21% da população. O setor terciário é o mais predominante, ocupando 71% da população ativa que, na sua maioria exerce profissões ligadas ao comércio e serviços. A Lagoa situa-se na primeira

metade dos 19 concelhos que constituem a Região Autónoma dos Açores, o que evidencia o seu desenvolvimento económico. A distribuição da sua população ativa evidencia o apelo que a cidade de Ponta Delgada exerce, pela sua proximidade, como centro empregador e sede dos principais serviços e áreas comerciais da ilha.

No que trata ao enquadramento socioeconómico das famílias lagoenses, ainda são evidentes algumas carências, sobretudo, relacionadas com dificuldades económicas, provenientes da obtenção de baixos rendimentos, que afeta gravemente o poder de compra dessas famílias, situação que se agrava pela existência de agregados familiares alargados, com um número elevado de filhos.

Como se observa da análise dos dados da tabela abaixo, recolhidos do portal Pordata, uma informação fica clara, o concelho de Lagoa situa-se abaixo do ganho médio mensal da Região Autónoma dos Açores e ainda mais distante de Portugal para todos os sectores de atividade, sendo as distâncias francamente mais acentuadas no sector terciário.

Local	Total	Primário	Secundário	Terciário	Poder de compra Per Capita
Portugal	1094,13€	801,49€	1027,20€	1134,08€	100%
Região Autónoma dos Açores	986,03€	775,996€	875,96€	1028,06€	85,5%
Concelho de Lagoa (Açores)	848,36€	765,47€	850,76€	854,26€	71,25%

Tabela 1 – Ganho médio mensal dos trabalhadores por setor de atividade e poder de compra

Tendo em consideração estes dados de 2016, o ganho médio mensal dos trabalhadores foi, mais elevado no sector terciário do que nos restantes dois sectores, independentemente do local de residência. Para o concelho de Lagoa o ganho médio varia entre os 765,47€ para o sector primário e os 854,26€ no sector terciário. Em termos médios falamos de 848,36€ para o concelho bem abaixo da média da Região, 986,03€ e ainda mais distante dos 1094,13€ do país.

Relativamente ao poder de compra *Per Capita* a interpretação pode ser alargada ao que foi referido acima.

Outro fator que sempre me pareceu evidente de forma empírica, pelo contato com os meus alunos e as suas famílias, era o elevado número de indivíduos ou famílias que beneficiam do apoio social do rendimento social de inserção, interessa talvez aqui fazer também uma análise desta situação. O gráfico abaixo, também com base nos dados do portal Pordata, deixa-nos perceber o peso que esta situação pode ter na sociedade lagoense e de forma indireta na escola.

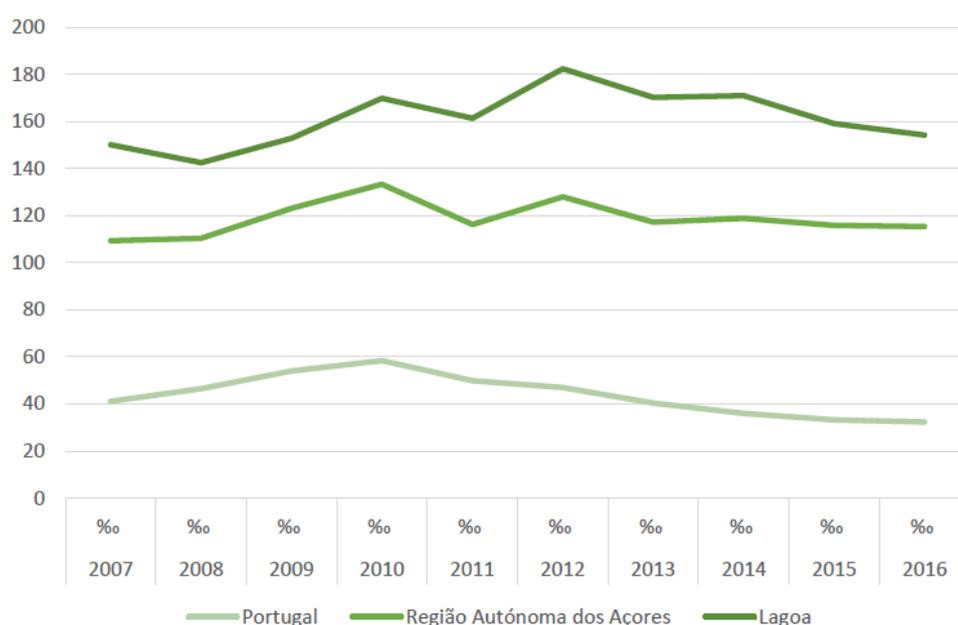


Gráfico 3 - Beneficiários de Rendimento Social de Inserção

Analisando o gráfico percebemos que em 2007 o concelho de Lagoa apresentava 150,2 beneficiários do rendimento social de inserção por cada mil habitantes em idade ativa. Este valor aumentou durante o período entre 2010 e 2014, atingindo o valor mais alto de 182,47 em 2012. Em 2016 estes valores decaíram ligeiramente, ainda assim, cruzando estes dados com o número de residentes no concelho percebemos que os beneficiários deste rendimento social representavam ainda representavam mais 15% da população do concelho. Estes valores assumem um fator pertinente, em termos sociais e de forma direta nas dinâmicas das famílias, nas baixas expectativas, e na falta de

ferramentas que lhes permitam ascensão social, a situação reveste-se de maior importância se comparada à realidade nacional. Em termos comparativos, verifica-se que o concelho se situa acima da proporção da Região Autónoma dos Açores (RAA), sendo que a região, por sua vez, já apresenta valores muito superiores de beneficiários em relação à totalidade do país.

3.4 Caraterização do nível de escolaridade

Uma vez que esta foi, em termos práticos, a minha realidade, interessa aqui perceber de forma genérica o enquadramento em termos de escolaridade. Sendo que nesta análise pretendemos perceber a realidade da população em termos absolutos, mas em especial da população escolar, e mais uma vez, comparar com a realidade regional e nacional. No gráfico abaixo apresentamos dados relativos aos censos de 2011, para indivíduos com mais de 15 anos, em termos do seu grau de escolaridade.

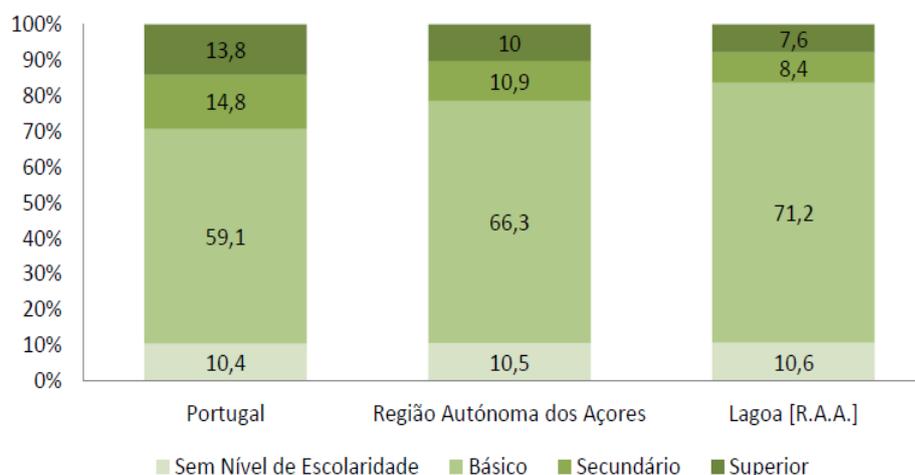


Gráfico 4 – População com mais de 15 anos por nível de escolaridade

Numa observação rápida e de baixo para cima, verificamos que a diferença entre indivíduos que não completaram nenhum nível de escolaridade é residual, entre Portugal, Região Autónoma e Lagoa, a rondar os 10,5% para qualquer dos casos. No entanto é a partir daí que as diferenças começam a ser evidentes, de realçar que a Lagoa apresenta a percentagem mais elevada de

indivíduos que apenas completaram o ensino básico (71,2%), sendo que relativamente aos indivíduos que completaram o ensino secundário (8,4%) e superior (7,6%) apresenta as percentagens mais baixas em termos comparativos com A restante Região Autónomas e ainda mais distante das percentagens apresentados para dados nacionais. Facilmente se deduz, que no concelho de Lagoa o ensino secundário e, em especial, o ensino superior sofre de uma incapacidade de captação de indivíduos que terminaram o ensino básico, não conseguindo fazer com que estes prossigam os estudos.

Um fator que sempre me pareceu exagerado no exercício da minha docência numa escola do concelho e que pode ter aqui algum grau de influência nos dados verificados acima, é a elevada taxa de retenção em qualquer dos anos do ensino básico e ainda mais a quantidade de alunos que simplesmente entraram em situação de absentismo e posterior desistência. Talvez importe aqui fazer uma análise desta questão, que obviamente estará ligada a outros fatores mas que merece uma interpretação só por si. Mais uma vez em termos empíricos, quer como docente quer principalmente como diretor de turma, sempre me pareceu muito elevado o número de alunos ficavam retidos, em especial em anos terminais de ciclo, 4º e 6º na minha realidade, os dados apresentados abaixo, podem de alguma forma evidenciar esta minha sensação.

Local	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017
Portugal	10,4%	10%	7,9%	6,6%	5,5%
Região Autónoma dos Açores	16,9%	17,3%	11, %9	10,8%	8,5%
Concelho de Lagoa (Açores)	18,8%	22,2%	19%	13,3%	8,3%

Tabela 2 – Taxa de retenção e desistência no ensino básico

Segundo os dados apresentados na tabela, tendo como fonte o Instituto Nacional de Estatística, a taxa de retenção e desistência no ensino básico em

Portugal tem vindo, progressivamente, a decrescer entre 2012 e 2017, de 10,4% para 5,5%. Esta tendência também se verificou nas escolas da Região e de Lagoa, ainda que só a partir de ano letivo 2014/2015, diminuindo de 17,3% para 11,9% na Região e de 22,2% para 19% no concelho de Lagoa, continuando a decrescer, nos anos seguintes. Ainda assim, ainda existem diferenças substanciais nos valores apresentados nas escolas do concelho e os valores nacionais. Estes valores são o resultado das questões analisadas nos pontos anteriores, e que têm no nosso entender uma relação muito próxima com a importância dada à vida escolar e por consequência com os resultados escolares.

3.5 Caracterização da Escola

3.5.1 Infraestruturas

A Escola Básica e Integrada de Lagoa foi, em termos profissionais, a minha casa neste período que aqui descrevo, de 2010/2011 a 2017/2018. O facto de ter exercido docência enquanto professor de Educação Física de segundo ciclo na escola sede, mas também nas escolas de primeiro ciclo faz com que a descrição da escola se faça em termos globais para todos os estabelecimentos da unidade orgânica. Assim a Escola Básica e Integrada de Lagoa integra oito estabelecimentos de ensino, sete deles dedicados à Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico e um onde se ministra o 2.º Ciclo, para além de alguns Programas Específicos do Regime Educativo Especial, servindo, desta forma, a população escolar oriunda das freguesias de Santa Cruz, Nossa Senhora do Rosário e Cabouco que se enquadra na faixa etária correspondente.

Em termos estruturais a sede da escola Básica de Lagoa localiza-se no edifício da Escola Básica do 2.º Ciclo Padre João José do Amaral, data do ano letivo 1985/1986. É constituído por cinco pavilhões, um ginásio e um campo de jogos. No pavilhão C ou pavilhão Central encontram-se as principais áreas de serviço da escola, nomeadamente, os serviços administrativos, a receção, a central telefónica, o conselho executivo, o gabinete médico, a sala dos assistentes operacionais, a biblioteca escolar, uma sala de professores com bar, uma sala de reuniões, a sala de informática, a papelaria, o arquivo, os gabinetes

de apoio aos recursos informáticos, a sala de diretores de turma e dos departamentos, o bar e a sala de convívio dos alunos, o refeitório, o gabinete de apoio e intervenção disciplinar, a reprografia. Os pavilhões A, B e D dispõem, cada um deles, de oito salas de aula, sendo algumas específicas para as áreas curriculares de Educação Visual e Tecnológica ou de Educação Musical. Os pavilhões A e B possuem ainda, cada uma deles, uma pequena sala de aula, que é usada para a prática letiva. Numa pequena sala do pavilhão D, semelhante às anteriormente referidas, funciona o Serviço de Psicologia e Orientação. O pavilhão E é o único composto por duas salas, uma das quais específica para a área curricular de Educação Visual e Tecnológica. Todos os pavilhões têm arrecadações e instalações sanitárias.

No que diz respeito à lecionação efetiva da Educação Física a escola dispõe de um ginásio com capacidade para três turmas em simultâneo, dispondo nas suas imediações de um campo de jogos ao serviço da prática de diferentes modalidades desportivas e ainda uma caixa de areia e uma zona de lançamentos para atletismo. Pertencem ao ginásio dois balneários individualizados, masculino e feminino, com cacifos, uma arrecadação e um gabinete de professores. Os recursos materiais, não sendo os ideais, sempre se revelaram suficientes para a prática de todas as modalidades preconizadas no programa.

Uma vez que também lecionei Educação Física a turmas do 1.º ciclo faço também uma breve caracterização da escola onde tive a maioria das turmas. Trata-se da EB1/ JI Dr. Francisco Carreiro da Costa, é um edifício de construção moderna, datado do ano 2000. No rés-do-chão, tem um gabinete para receção aos pais e encarregados de educação, um gabinete de coordenação, a reprografia, o refeitório, a sala de professores e oito salas de aula, quatro das quais destinam-se ao pré-escolar, e dois alpendres fechados. O 1.º piso tem sete salas destinadas ao 1.º ciclo, três gabinetes, uma sala de informática e a biblioteca. Cada conjunto de três salas dispõe de três casas de banho completas e adaptadas a crianças com mobilidade condicionada. A escola tem um elevador e várias arrecadações. Em termos mais específicos, para a lecionação da Educação Física, a escola dispõe de um pequeno ginásio, ideal para uma turma, no primeiro piso, e de um grande campo de jogos no exterior.

3.5.2 População escolar

Em termos de população esta foi algo variável, sendo que desde o primeiro ano da minha lecionação na escola, foi mais ou menos óbvio o decréscimo do número de turmas e, conseqüentemente, do número de alunos. Segundo os dados recolhidos junto da direção da escola, no que diz respeito ao segundo ciclo, e em termos gerais para todo o período aqui analisado, a escola teve um máximo de vinte turmas de ensino regular, onze de quinto ano e nove de sexto, para um mínimo de treze turmas, sete de quinto ano e seis de sexto. Para além destas sempre existiram turmas de percursos previstos no regime Educativo Especial, tais como Turmas de Projeto Curricular Adaptado, de Despiste e Orientação Vocacional e Turmas de Ensino Pré-profissionalizante.

4. REFLEXÃO DA ATIVIDADE DOCENTE

4.1 Função docente

Um professor simboliza, para mim, a capacidade que poucos seres humanos possuem de criar laços suficientemente fortes com os seus aprendizes para que estes os queiram ouvir e aprender com eles, dando como verdade aquilo que se lhes ensina. Talvez para esta minha ideia um pouco romanceada da imagem de Professor tenha contribuído de grande forma a minha professora primária, uma figura mista entre o dócil da relação e a austeridade da exigência e da preocupação com os seus alunos. Ser professor não fazia de todo parte do meu imaginário infantil, queria só correr pelas ruas da aldeia andar de bicicleta e jogar á bola. Tinha pela imagem docente demasiado respeito e consideração para sequer ousar imaginar vir a ser professor. A pedagogia simples, sempre me encantou, aprender interessa porque é bom saber coisas. Fui sempre um aluno mediano, mas um admirador de muitos dos meus professores, eram a imagem de algo distante, pessoas sábias que sentiam gosto em ensinar algo aos outros.

Saindo agora desse meu lado infantil, enquanto admirador da função docente, apenas mais tarde percebi que o que mais admirava nesses professores era a sua capacidade de mudar pessoas, de influenciar caminhos e percursos de vida. A verdadeira pedagogia inevitavelmente ligada à função docente está na ligação que se constrói com os seus alunos e descobrir qual a melhor forma de os fazer perceber que é ótimo saber coisas, ser curioso e querer evoluir. Ser docente é de certa forma, partilhar algo com alguém, não é docente quem sabe muito, é docente quem transmite muito. Segundo Freire (1982), “A Educação qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta em prática”, o exercício da docência é, no nosso entender algo, eminentemente prático. Na verdade não existe processo de ensino se não houver pelo menos dois indivíduos envolvidos e interessados, só aprende quem quer aprender, talvez o maior mérito da função docente seja mesmo esse, criar no aluno essa vontade, esta nossa reflexão vai de encontro ao que defende o autor Gaiarsa (1985) “A função da escola é ensinar a pessoa a aprender.”

A função docente está sempre ligada a processos burocráticos, de planeamento, de avaliação de reuniões, mas no nosso entender na sua base deve estar sempre a relação com o aluno, é nesta relação que se alicerça o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto docente é nisto que acredito e é para esse caminho que a minha experiência me guia.

4.2 Função docente em Educação Física

Ser professor de Educação Física é, na realidade, aquilo que sempre quis ser. O desporto sempre teve um papel muito importante na minha vida escolar e pessoal, juntando a isso a enorme admiração que sempre tive pelo papel do professor, facilmente percebi que este deveria ser o meu caminho.

A função de docente nesta área tão específica e diferenciada de todas as outras representa muitas particularidades, talvez seja nestas particularidades que eu e grande parte dos professores de Educação Física se revêm e se identificam com a profissão. Parece-nos que cada mais é aceite em meio escolar e na sociedade em geral, que realmente a prática da Educação Física acarreta consigo, para além dos óbvios benefícios diretos, também muitas vantagens indiretas, que se associam a índices de bem-estar e motivacionais que se transferem para outras áreas de estudo. Assim, sempre olhei para a minha função docente nesta área com algo integrado num desenvolvimento dos alunos, que se pretende geral, físico, cognitivo, relacional e até emocional. Não são novos os estudos que indicam para esta realidade, que na prática, as comunidades educativas já se deram conta há muito, Mendes (2012) refere a existência de uma relação positiva entre atividade física e o rendimento escolar. Nessa medida, os alunos que conservam um nível mais alto de atividade física adquiriram uma maior tendência para obterem sucesso escolar, ao contrário dos que são menos ativos fisicamente. Quem trabalha em educação, facilmente percebe que a verdadeira função docente deve orientar para o desenvolvimento generalizado do indivíduo e para a sua adaptação à realidade social, assim a grande função de um docente de Educação Física, passa, na nossa opinião, por inculcar hábitos de prática desportiva regular, e promoção de estilos de vida saudável que se propaguem ao longo da vida, trazendo consigo todos os benefícios que lhe estão associados. É fundamental que a escola olhe para a

Educação Física como uma disciplina central para o desenvolvimento escolar global, pois o velho pressuposto de mente sã e um corpo sã, é hoje cada vez mais essencial a todo o crescimento, desenvolvimento e equilíbrio da personalidade.

4.3 Planeamento da aula de Educação Física

Parece-nos evidente que será impossível uma lecionação efetiva, centrada nas aprendizagens e nos alunos, sem ser previamente delineada e planeada. Foi sempre com este foco que parti para o processo de ensino/aprendizagem. Neste conjunto de anos letivos que aqui explanamos fui docente de diferentes escalões etários, de alunos com diferentes ambientes sociais, com diversas experiências e predisposições motoras e coordenativas, como tal esta planificação sempre se evidenciou, na minha atividade, como um ponto de partida para a lecionação e abordagem a qualquer aprendizagem ou competência.

Assim fui instruído durante a minha formação inicial e assim sempre me fez sentido partir para a prática, tendo até por referência e como base alguns autores consagrados nestas temáticas. Somos, ainda assim, da opinião que a planificação não deve ser uma prisão, onde não há espaço para a adaptação, ainda mais neste tipo de população, onde por vezes fatores tão dispares podem influenciar um aula,

Claro que, com a experiência adquirida este processo vai sendo cada vez mais natural, sabemos mais vezes o que podemos fazer com determinada turma ou com determinado aluno, isto não invalida a necessidade de planear. Interessa talvez aqui aludir, a título de exemplo, uma situação vivenciada no decorrer do ano letivo 2013/2014, enquanto docente de uma turma de primeiro ano. Nessa turma estava integrado um aluno paraplégico, mas com enorme empenho pela prática de atividade física, o aluno faltava com frequência e nem sempre realizava aula, e apenas este fator alterava completamente a dinâmica da mesma, a juntar a isto a instabilidade climatérica, várias vezes me fazia alterar o local da prática, do espaço exterior e amplo, para o espaço interior, pequeno e com muitas limitações, nestes casos o ajuste do planeamento teve que ser permanente, o mais importante foi ter sempre na minha posse todas as soluções

para cada uma das condicionantes. Existe obviamente muito enquadramento teórico a suportar a importância do ato de planificar no ensino, aqui pretendo ser objetivo e apontar para a minha realidade concreta, ainda assim, realço aqui uma ideia que enquadra esta questão, assim, segundo Bento, (2003), o professor não está nem pode ser dispensado da planificação do ensino, o ciclo de ação do professor não deve limitar-se a uma pretensa preparação direta e à realização das aulas, deverá sim assumir as tarefas de planificação e de realização.

Na EBI de Lagoa, tínhamos delineada uma planificação geral por ano de escolaridade, há semelhança do que acontece em tantas escolas. Esta planificação da disciplina de Educação Física, em termos genéricos pretendia ser um documento que contivesse informação sobre os conteúdos a ensinar, os objetivos de aprendizagem, estratégias, tempo e avaliação para cada modalidade. Representava uma orientação para todos os professores da disciplina sobre o ensino da Educação Física, depois segundo a especificidade das turmas, dos espaços físicos disponíveis, dos recursos materiais de cada escola, cada docente foi fazendo o seu ajuste. Esta planificação comum pretendia ainda a equidade do processo de ensino, prevenindo possíveis discrepâncias no método de ensino adotado por professores do mesmo ano letivo, e ser parte integrante dos documentos orientadores da escola.

Neste sentido, e de acordo com a nossa análise, consideramos imprescindível realizar uma caracterização/avaliação detalhada da população-alvo e do meio, no âmbito dos trabalhos preparatórios do planeamento, tendo também em conta as diretrizes da EBI de Lagoa e em último ponto da Secretaria Regional da Educação e Cultura dos Açores. Assim, ao planificar sempre tive em conta a análise dos programas e das competências a atingir em cada ciclo, os normativos da escola (Projeto Educativo, Projeto Curricular de Escola, Regulamento Interno, Plano Anual de Atividades e Projetos Curriculares de Turma). Uma vez que, como já referimos, fui docente em diferentes realidades dentro da EBI de Lagoa, também a gestão dos recursos humanos, materiais e temporais disponíveis, os interesses e necessidades dos alunos, as características pessoais, sociais, culturais e desportivas dos mesmos, as decisões e implicações decorrentes do grupo/departamento ao nível da gestão de espaços, tempo, a definição de matérias, a configuração da avaliação e a avaliação dos níveis de desempenho inicial nas diferentes matérias e aptidão

física, são elementos foram tidos em conta aquando da elaboração da planificação.

O planeamento anual foi sempre feito em grupo com contributos de todos, neste definimos a estruturação de um conjunto de objetivos gerais e específicos integrados no contexto escolar e na disciplina de Educação Física. Assim, os objetivos gerais permitiam que a médio prazo fosse possível um controlo mais eficaz da planificação, contendo as modalidades desportivas a lecionar e definindo as estratégias de organização e gestão da turma. Para além disso, permitia ainda reagir às dificuldades detetadas na avaliação inicial e a implementação de atividades que permitissem ultrapassar eventuais dificuldades ou até aproximar dos gostos da turma, de modo a manter os alunos motivados. Por outro lado, os objetivos específicos continham uma distribuição periódica das matérias, potenciando os recursos e estruturação das atividades e as respetivas avaliações e estipulando o número de aulas disponíveis para cada modalidade.

4.4 Processo de Avaliação

Será difícil falar de ensino sem falar em alguma forma de avaliação, esta afere, orienta-nos e permite definir objetivos. Sempre olhei para o processo de avaliação como parte integrante do processo de ensino, e não como algo desgarrado e apenas um processo formal. Objetivamente avaliar alunos de 1º ano, não poderia ser feito de forma similar a avaliar alunos de 6º ano, ainda assim parece-nos importante, expor aqui alguns pontos comuns e que delimitaram o meu trabalho a este nível. Fazendo a ponte com o tópico anterior, a avaliação deve ser logo tida em conta na planificação, esta tem um papel importante na condução do processo de ensino, concedendo coerência e articulação a todo este processo. Por isso, há que proceder à configuração da avaliação, definindo os momentos e procedimentos de avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. A minha forma de atuação durante estes anos, e de certa forma, mais ou menos comum aos restantes colegas de Educação Física da EBI de Lagoa, foi de trabalhar por Unidades Didáticas, normalmente continuas em termos temporais, mas nem sempre, atendendo a eventuais condicionantes, já abordadas no ponto acima acerca do planeamento. Dentro de cada uma das unidades foi realizada

uma avaliação diagnóstica, formativa, a avaliação somativa poderia ser realizada logo no final da unidade ou no final de cada período. O que normalmente acontecia em termos práticos era conjugar o previsto no planejamento com as diretrizes do grupo de Educação Física, juntamente com o mapa de rotações, procedendo depois à periodização das Unidades Didáticas. Em termos práticos, a minha prática nesta escola, e em outras ao longo da minha experiência neste âmbito, fez-me perceber que não é uma verdade absoluta que uma modalidade tenha que ser abordada sob forma exclusivamente contínua e estanque, antes olho para esta unidade como algo que pode estar aberto em termos temporais, não me parece inválido abordar determinados conteúdos de determinada modalidade num período, e voltar a ela mais tarde com objetivos mais exigentes. Este procedimento aconteceu muitas vezes no meu percurso, em especial com escalões etários mais baixos. Neste aspeto sempre olhei para a avaliação das Unidades Didáticas, como processo de controlo do ensino-aprendizagem, tendo em conta a avaliação com o objetivo de melhorar o nível do processo ensino/aprendizagem. Permitindo assim um ajuste dos objetivos, e informando os alunos disso mesmo.

Na nossa opinião, para além, do óbvio carácter avaliativo do processo de avaliação, este deve ter também a função de regular a atividade dos alunos e do professor. Lopes (2014) refere que o Professor e o aluno têm de ter a perceção dos objetivos a atingir para poderem definir o caminho a seguir.

Assim, o processo de avaliação permitirá identificar o nível e capacidade de desempenho motor dos alunos, mas também das condições reais de ensino, instalações, material didático e pedagógico, ajustando a todo o momento os conteúdos das aulas, no sentido de proporcionar aos alunos tarefas adequadas ao seu nível e que concorram para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

4.5 Organização das aulas

Não sou hoje, certamente, o mesmo professor que fui há dez anos ou há quinze anos, pelo pelos contextos e principalmente pelas experiências que o percurso profissional me foi trazendo. Ainda assim, parece-nos de alguma importância apresentar aqui traços comuns da minha atuação, que irão ao

encontro daquilo que muitos outros docentes com certeza também fazem, com as inevitáveis modificações ou ajustes consoante a realidade da EBI de Lagoa, dos meus alunos e, obviamente, de mim mesmo e daquilo em que acredito, ser a melhor forma de proceder. Interessa também aqui destacar, novamente, que neste período que aqui abordo lecionei a turmas desde o primeiro ao sexto ano, e algumas turmas de Programas Específicos do Regime Educativo Especial, pelo que esta análise é generalizada, sabendo nós que a forma de lecionar não pode ser a mesma tratando-se de alunos de seis ou de quinze anos. Em traços gerais, numa fase inicial, tentei abordar sempre de um modo estruturalmente simplificado e numa forma mais analítica, passando depois, na fase seguinte, para uma forma mais global e complexa. Este procedimento é usado para todas as aprendizagens, e mesmo para os desportos coletivos, nestes, intervalando jogos pré-desportivos de adaptação à modalidade com exercícios mais analíticos.

Assim, na primeira abordagem de uma Unidade Didática eram avaliados os níveis e desempenho dos alunos e, perante os resultados obtidos, trabalhei de forma global, em que os alunos partilhavam as aprendizagens, em outras situações por grupos, desta forma, a turma era dividida, em grupos heterogéneos ou homogéneos, conforme o meu objetivo. Com os grupos homogéneos, pretendia que o tempo e a qualidade da atividade motora fosse igual para todos os alunos, potenciando e elevando o nível de competência para determinada aprendizagem. Com os grupos heterogéneos pretendia promover a cooperação entre os alunos, de modo a que os alunos com mais dificuldades sejam ajudados pelos colegas com menos dificuldades, percebendo ambos a importância de se empenharem, independentemente de possuírem capacidades diferentes. Mesmo nestas disposições de grupos heterogéneos, tendei sempre desenvolver variantes de facilidade e dificuldade para promover a evolução de todos os alunos, ou seja, os mais evoluídos com variantes de dificuldade e os menos evoluídos com variantes de facilidade.

Outro âmbito que nos parece ser de muita importância na organização de aula prende-se com os automatismos que se pretendem na forma de organizar e de comunicar, este fator tomou especial preponderância com as turmas de escalões etários mais baixos. Por forma a melhorar a comunicação entre mim e os meus alunos, mas também para minimizar a perda de tempo em

organizações, transições e instruções, foram, desde o início, estabelecidas sinaléticas específicas, como por exemplo contar de cinco até zero para os alunos se deslocarem rápido para perto do professor, ou ter predefinidas zonas de trabalho que todos identificavam, levantar a mão para parar, ou rodar o indicador para recomeçar, a palavra “Roda”, para se sentarem em círculo há minha volta, ou “Filas” para se disporem em filas predefinidas há minha frente.

Apenas nas primeiras aulas de cada ano letivo iniciava com a respetiva chamada e marcação das presenças, por forma a identificar mais facilmente os alunos, com o avançar do ano, e depois de existir um maior conhecimento dos alunos da turma, normalmente deixava de realizar chamada, e apenas no final da aula assinalava a assiduidade e desempenho nos meus apontamentos. Sempre que a aula dava continuidade às aprendizagens da aula anterior, era realizada uma brevíssima revisão dos conteúdos abordados, referindo de seguida e de forma genérica os objetivos dessa aula. Para a demonstração dos exercícios, dependendo do tipo de habilidade motora a executar, ou eu próprio a realizava ou indicava um aluno, servindo assim com agente de ensino. A escolha do aluno, por norma, recaía sobre aquele com mais capacidade para a tarefa, em situações concretas, numa habilidade motora mais simplificada, essa demonstração podia ser feita por um aluno com alguma dificuldade, servindo assim como forma de motivação e aumento de autoestima. De seguida, permitia um breve questionamento sobre a aprendizagem a abordar, utilizado esta técnica como método de ensino, envolvendo-os diretamente nas suas aprendizagens, desde que tal não envolvesse muito tempo. Na parte inicial da aula sempre tive o cuidado de realizar um aquecimento geral e específico, para a ativação fisiológica e muscular, aqui muitas vezes entravam aquecimentos lúdicos, de forma a criar um ambiente mais positivo na aula. Na parte principal da aula, e para além de exercícios mais analíticos sempre dei primazia aos jogos pré-desportivos, adaptados, condicionados, dirigidos e claro, aos jogos mais formais. No que diz respeito aos exercícios analíticos, em algum momento da abordagem de determinada modalidade, às vezes logo no início e outras mais tarde, adquirem grande importância, estes estão diretamente relacionados a aquisição de qualquer gesto técnico, característico de todas as modalidades, são evidentes as ligações a elementos de ginástica ou do atletismo mas, também

aos jogos coletivos, com eles pretendia desenvolver os fatores técnicos, onde a repetição e respetiva correção leva ao melhoramento da execução motora.

Os jogos pré-desportivos, em especial para as turmas de primeiro ciclo a que lecionei, mas não só, foram centrais nas aulas de Educação Física, sempre olhei para eles, atribuindo-lhes extrema importância, quer pelo fator lúdico que traziam às aulas, quer pela qualidade do empenhamento que traziam e talvez mais importante pela capacidade de transferência que emprestam aos jogos desportivos coletivos numa fase mais adiantada do desenvolvimento das modalidades.

Com os jogos adaptados ou condicionados pretendia uma aproximação mais concreta à modalidade abordada, nestes, condicionava a ação e tomada de decisão dos alunos, adaptando o exercício ou jogo consoante a fase da aprendizagem, valorizando ou negligenciando determinados fatores. Apenas a título de exemplo, um jogo de basquetebol, em que se retira o drible, por forma a promover o passe e a desmarcação, ou uma situação de jogo de voleibol 2x2 ou 4x4, só em passe, em cooperação e não em oposição, ou sendo obrigatório pelo menos dois passes entre a equipa, evitando o efeito “ping-pong”, próprio de uma fase inicial.

Aqui podemos ainda considerar jogos ou exercícios dirigidos, antes de chegar ao jogo formal, estes são utilizados com o intuito de desenvolver uma ação mais específica e particular de uma determinada matéria, também a título de exemplo, um exercício de posse de bola em futebol, uma equipa tenta manter em sua posse o máximo tempo possível, assim que a defesa recupera a bola tem que realizar um contra ataque rápido, definindo o professor posições e a forma de tal acontecer, logo este exercício era dirigido para trabalhar em especial o contra-ataque no futebol. Chegando por fim, aos jogos formais, as condicionantes são muito poucas, ou nenhuma, sendo próximas das reais, estes encontram-se presentes como pode ser o caso do jogo de 5x5 na modalidade de futsal, num campo com as medidas oficiais. Noutras modalidades abordei o jogo formal, mas mesmo assim ajustando o número de jogadores e dimensão do campo, como aliás é pressuposto no programa da Educação Física, como exemplo o 4x4 no voleibol. Nestes jogos, pretendia que os alunos aplicassem tanto os conhecimentos e comportamentos adquiridos nos exercícios

analíticos, como as dinâmicas e movimentações dos jogos de introdução à modalidade, pré-desportivos, adaptados ou dirigidos.

Em qualquer turma, e para qualquer aprendizagem, existem alunos mais capazes a nível motor do que outros, na EBI de Lagoa, tal questão por vezes era de tal forma evidente que a lecionação de determinados conteúdos tinha mesmo de prever esta situação. Todos os exercícios escolhidos para a aprendizagem ou consolidação de determinada componente tiveram sempre uma variante facilitadora e outra de maior dificuldade, para que os alunos com mais dificuldades consigam alcançar o objetivo do exercício e os mais evoluídos possam continuar a desenvolver as suas capacidades sem serem condicionados pelo nível médio dos colegas. Algumas destas condicionantes podiam ser, o tempo para realização da atividade, as distancias percorridas, o espaço em que decorre, aumentando/diminuindo a sua dificuldade e intensidade, com ou sem ajuda. Como aconteceu anteriormente, também aqui destaco um exemplo, aquando da avaliação do rolamento à frente de Ginástica, existiam sempre três opções: sem ajuda e sem plano inclinado; com plano inclinado; e com ajuda. O que pretendia era no fundo que todos realizassem a tarefa, ajustando aos seus níveis de competência motora.

Dado o escalão etário, quer para alunos do primeiro ciclo quer para alunos do segundo ciclo, as aquisições motoras não aconteciam de forma automática ou de um dia para o outro. A utilização de progressões pedagógicas para os diferentes conteúdos abordados, revelou-se fundamental, assim como recorrer a diferentes formas de organização da prática, desde os exercícios individuais, a pares ou em pequeno grupo, as formas jogadas, o jogo dirigido, o jogo condicionado ou adaptado permitiram dar uma variabilidade de situações e de estímulos com o objetivo de enriquecer o contexto de aprendizagem, para a disciplina de Educação Física e sobretudo nos jogos desportivos coletivos.

Para além das progressões pedagógicas acima mencionadas, foram executadas tarefas abertas, sendo utilizada a descoberta guiada, onde o pretendido era que os alunos através de exercícios que lhes traziam determinados problemas deviam encontrar por si ou em grupo as soluções, procurando que se envolvam de forma significativa na sua aprendizagem. Estimulando e com o intuito de elevar o nível de empenho também promovi, também muitas vezes, competições intra-turma, quer em situações jogadas quer

em situações de estafeta, aumentando a motivação e a competitividade, procurando também envolver os alunos na organização das atividades, aumentando, desta forma, a interajuda e a superação.

4.6 Gestão do tempo de aula

Um dos fatores, que entendemos como fundamental numa aula de Educação Física, é o tempo de empenhamento motor, na minha prática letiva, procurei aumentar o tempo efetivo de aula e de verdadeira atividade motora, sem exageros teóricos, no início e final das aulas, com organização das atividades e transição entre tarefas muito automatizadas e todo o material disponível no início da aula. Esta preparação permitiu diminuir o tempo gasto em episódios de gestão e transição, sendo muito breves e claras as instruções no início das atividades, sem interromper o curso da aula para fazer correções, a não ser que estas fossem generalizadas, definindo e mantendo o ritmo, evitando interrupções desnecessárias e intervindo de forma clara. Estas questões encaminham-nos para uma dimensão importante do processo ensino-aprendizagem, ou seja, a gestão do tempo de aula. Na nossa perspectiva o tempo despendido a cada aprendizagem e a sua sequencialização em termos operacionais são fatores determinantes no seu sucesso, ainda que, obviamente, esta evolução vai depender da capacidade de apropriação dos alunos e da aquisição dos comportamentos motores.

4.7 Observação e intervenção em aula

A dupla face deste tema prende-se com a relação direta entre ambos, de nada servirá uma observação se esta não pressupor uma intervenção, de igual modo, de nada servirá uma intervenção se não for observado e verificado o seu efeito, assim podemos considerar esta relação, para além de direta, rotativa. No decorrer das aulas, procurei a todo o momento ter a turma no raio de visão, circulando pelo espaço da aula, por todos os exercícios, observando e voltado para estes quando necessário, dando os estímulos que me pareciam mais apropriados e verificando o seu efeito. Entendemos que o controlo ativo da prática dos alunos é fundamental para a sua evolução. Na minha colocação na

aula tentei ter o máximo de alunos no campo visual, ainda que na maior parte das vezes isso já aconteça de forma natural e não planeada. Durante os tempos de instrução e demonstração, todos os alunos devem conseguir ter a perspetiva ideal. Em especial nas aulas ao primeiro ciclo, em que grande parte das aulas eram dadas no espaço exterior, tive o cuidado de não colocar os alunos de frente para o sol aquando da instrução ou demonstração. Os estímulos verbais ou até visuais, ou se preferirmos os *feedbacks* foram utilizados constantemente com incidência nas componentes críticas estabelecidas dos gestos técnicos a trabalhar, sendo no primeiro ciclo quase sempre de cariz mais geral e maioritariamente positivo, no segundo ciclo estas indicações já podiam por vezes ser mais específicas, sendo estes positivos, mas em situações específicas de carater negativo, sempre com o intuito da melhoria e não da critica. Mais uma vez, como exemplo: “Muito bem João, grande esforço, está quase tudo bem, mas coloca antes a mão assim”. Estes estímulos, ou correções são essencialmente individuais e, sempre que seja pertinente, também à turma, se os erros ou as correções se aplicarem a uma parte significativa do grupo. Através da observação permanente mas também do questionamento no início e no fim da aula pretendia uma melhor consolidação das aprendizagens, em especial nas turmas de segundo ciclo. Quando falamos em estímulos ou *feedbacks*, interessa perceber que estes podem ser de diversas formas, dimensões e até na sua direção. Dependendo da situação específica, do objetivo, da turma ou do aluno, sempre procurei variar a dimensão dos *feedbacks*, podendo ser: prescritivo, descritivo, avaliativo e até interrogativo, adequando-os a cada situação, na sua forma: auditivo, visual, cinestésico ou misto, como na sua direção: individual ou coletivo, tentando que os mesmos sejam maioritariamente positivos. Importa-nos aqui diferenciar também a frequência e controlo dos *feedbacks*, pois pode aumentar a motivação dos alunos, a minha realidade no ensino a turmas do primeiro ciclo, particularmente a alunos do primeiro e segundo anos, leva-me a afirmar que nestas idades devem ser usados com maior frequência, para orientar a aprendizagem e aumentar a sua motivação, sendo que no segundo ciclo, em particular a alunos do sexto ano, estes podem ter menos frequência e ser mais avaliativo, permitindo até a autocorreção em alunos mais competentes do ponto de vista motor. Entendemos que o controlo e observação da resposta ao *feedback* deve ser efetivo, pois os alunos precisam e gostam que o professor se

interesse pelo que estes conseguem realizar. Manter uma postura dinâmica, revelando interesse pela atividade dos alunos, circulando e informando os alunos da sua prestação através do uso de estímulos específicos e positivo, apoiando a sua prestação com informação de retorno, valorizando quando o aluno percebe a correção e melhora a sua performance. Por norma, e em especial nas minhas turmas de segundo ciclo, na última aula de cada Unidade Didática, eram avaliados os níveis e desempenho dos alunos, agora em termos mais formais. Valorizando as novas aquisições e destacando como o seu empenhamento os leva a melhorar. Em termos globais, na minha prática procurei manter uma atitude de autoanálise, interligando as aulas, avaliando o que de bom e de menos bom aconteceu, e quais as formas de melhorar em termos futuros determinada abordagem, interrogando-me constantemente sobre as decisões tomadas. Como exemplo, neste âmbito, posso analisar se a organização de pares ou grupos que, por vezes, não resultam devido às especificidades dos alunos, reestruturando para aulas seguintes

Ainda, a este respeito das decisões de ajustes no desenvolvimento da aula, procurei estar atento à adequação dos objetivos, conteúdos, meios e formas metodológicas propostas, assumindo aqui que as aulas muitas vezes não seguiram o rumo traçado, ajustando-as constantemente no decorrer das mesmas, aumentando ou diminuindo o tempo de cada atividade, substituindo ou anulando exercícios, que não me pareciam estar a funcionar em consonância com o pretendido. Entendemos, que de fato existem, situações em que não é possível seguir a planificação, por exemplo, os alunos não estão a conseguir realizar um determinado exercício e nesse momento temos de optar por alterar o exercício, ou a sua estrutura ou trocá-lo por outro, ou mesmo anula-lo, de igual forma podemos prolongamos o tempo de um exercício que entendemos estar a resultar e a beneficiar suas aprendizagens, esta foi sempre a minha postura, em relação ao efeito imediato da minha observação. Assim, procedi a ajustamentos nos pares nos grupos, no tempo das tarefas, nas progressões, no grau de dificuldade e até nos objetivos dos exercícios. A observação também deve, na nossa opinião servir para isso mesmo, quando necessário, estar disponível para alterar as nossas decisões e hábitos, se com isso conseguirmos criar um melhor contexto para as aprendizagens, mediante os resultados que venham a ser recolhidos no decorrer das aulas, e com isso também, crescer enquanto docente.

4.8 Identificação do modelo de lecionação da Educação Física no 1º ciclo

Pretendemos com esta análise, dar a conhecer um trabalho desenvolvido na lecionação de Educação Física a turmas do primeiro ciclo. Uma vez que na EBI de Lagoa fui ao longo dos anos docente deste nível de ensino, apresentamos de forma objetiva esta análise. Este modelo difere daquele utilizado pelas escolas do Ministério da Educação, como tal, entendemos fazer aqui esta referência concreta a esta minha experiência profissional. Assim, no desenvolvimento desta análise, será abordada, uma identificação do modelo de lecionação da Educação Física no 1º ciclo, seguido de uma referência ao cumprimento do programa e seus objetivos, assim como a carga horária e regularidade das aulas e atividades de complemento curricular.

No que trata ao modelo de lecionação, neste período que aqui descrevo, de 2010/2011 a 2017/2018, foram vários os formatos de funcionamento, sempre em três tempos semanais de quarenta e cinco minutos, desde a cooperação total entre o Professor Titular de Turma e o Professor de E.F., ao modelo de total autonomia do Professor de E.F. e aquele que mais tempo foi implementado em que o Professor de Educação Física era responsável pela lecionação efetiva das aulas em duas das três aulas semanais, ficando a terceira a cargo do professor titular. Esta lecionação sempre fez parte da carga letiva das turmas, e o seu processo de avaliação era em tudo semelhante ao que acontecia com as outras disciplinas do currículo do primeiro ciclo. Em termos de programa da disciplina, este ia de encontro ao preconizado para a Expressão Físico-Motora, área curricular do programa de primeiro ciclo. Esta compreende oito blocos que contêm uma série de objetivos para o desenvolvimento dos alunos dos quatro anos de Ensino deste ciclo. Os blocos abordados são os seguintes: Perícias e manipulações para o primeiro e segundo anos de escolaridade; deslocamentos e equilíbrios, também para o primeiro e segundo anos de escolaridade; ginástica para o terceiro e quarto anos de escolaridade; jogos, para todos os anos de escolaridade; patinagem, para o terceiro e quarto anos de escolaridade; atividades rítmicas expressivas, para todos os anos de escolaridade; percursos na natureza, também para os todos os anos de escolaridade, existe ainda o bloco

de natação, como matéria opcional, por falta de condições este bloco nunca foi abordado.

Uma vez que, lecionei a turmas de praticamente todas as escola de primeiro ciclo da EBI de Lagoa, o retrato que aqui apresento é relativo há escola onde estive na grande maioria dos anos letivos e onde lecionei á maioria das turmas. Como já referi anteriormente trata-se da EB1/ JI Dr. Francisco Carreiro da Costa. No que trata aos objetivos de cada um dos blocos programáticos, estes foram previstos de aquando da elaboração do planeamento anual, comum a todas as escolas, no entanto a sua implementação nunca se tornou assim tão linear, pois dependem de inúmeros fatores como as dificuldades apresentadas pelos docentes titulares mas, variaram também consoante cada uma das Escolas, o ano de escolaridade, o número de alunos, os espaços disponíveis para a prática ou os recursos materiais. Em termos de espaços para a prática, importa distinguir duas categorias, o espaço exterior, amplo e de boas dimensões, e os espaços interiores de pequenas dimensões, sem ter as condições ideais, em especial para turmas de maior dimensão, ainda assim, e comparativamente à realidade das outras escolas, o espaço era aceitável. O modelo mais vezes implementado, pressupunha que o Professor Titular de Turma (PTT), lecionasse efetivamente um tempo de Educação Física semanalmente, sem o acompanhamento do Professor de Educação Física, muitas vezes houve resistência e uma certa dificuldade no que respeita à atribuição destes horários e o seu cumprimento. O material existente nesta escola não era, de todo, o ideal em qualidade e especialmente em número, faltando algum material mais específico, particularmente para ginástica e patinagem, no entanto com alguma criatividade e boa vontade esta questão foi sendo ultrapassada. Um dos aspetos, que foi sendo ultrapassado aos poucos, foi necessariamente uma maior sensibilidade das docentes titulares para o cumprimento dos horários estipulados pois, muitas vezes a turma não se encontrava pronta no horário suposto, isto numa aula que apenas tem a duração de quarenta e cinco minutos, abdicar de dez ou quinze minutos, por atraso, colocava em causa toda uma planificação e principalmente diminuindo significativamente o tempo de empenhamento motor dos alunos. Esta questão foi sendo ultrapassada com a insistência dos docentes de E.F. em parceria com a pressão do órgão executivo nesse sentido.

Ao nível da cooperação com os professores titulares de turma, importava também dar orientações para a lecionação do terceiro tempo semanal, transmiti-lhes a importância dos aspetos técnicos, assim como as componentes críticas mais importantes na execução dos exercícios. Para além disso demonstrei técnicas de ajuda durante a execução dos exercícios e, incentivei os docentes a realizá-las, tendo como objetivo aumentar a sua autoconfiança e segurança na abordagem de determinados exercícios. Em termos de gestão da aula, apresentei progressões pedagógicas para a abordagem de conteúdos para que os alunos adquirissem novas experiências motoras com maior facilidade, apresentei também formas de organização prática e de fácil perceção, de forma a adequá-las às situações de aprendizagem e às características das turmas. Estes fatores são imprescindíveis para um bom funcionamento das aulas e facilita também aos PTT a realização das aulas sem a minha presença.

No que trata ao cumprimento do programa, todos os blocos foram sempre ministrados, de salientar que o bloco que dispôs de menos sessões da minha parte, foi constantemente o de atividades rítmicas e expressivas, uma vez que os PTT de todas as turmas me pediam várias vezes para trabalhar este bloco, no seu tempo semanal, na preparação das festas ao longo do ano letivo. Nas duas sessões semanais de quarenta e cinco minutos, diretamente da minha responsabilidade, pretendi, pelo menos, trinta minutos de tempo útil, uma vez que no tempo de aula estava já contabilizado o tempo de deslocação de e para a sala. Sempre entendi que as valências da Educação Física, não se esgotam nas aulas de E.F., como forma de enriquecimento curricular, era anualmente realizado um pequeno corta-mato para os alunos do terceiro e quarto anos, e os melhores classificados eram convidados a participar, posteriormente no Corta-mato Escolar da EBIL, foram ainda realizados convívios desportivos, um em cada período escolar, neste participavam todos os alunos e docentes da escola, com atividades ajustadas ao seu escalão etário, esta atividade tinha como grande objetivo promover um dia em que a prática da atividade física fosse enaltecida por todos, colocar em prática e demonstrar as aprendizagens desenvolvidas. Segundo Mota (2002) as aulas de E.F. na escola são vistas como um espaço ideal para a promoção de atividades físicas de forma regular e variada, porque um grande número de crianças e jovens na idade escolar participa regularmente nessas mesmas aulas, bem assim como em atividades

decorrentes dessa disciplina. Por norma, numa das ultimas semanas de cada ano letivo, era ainda realizado um convívio desportivo para as turmas do quarto ano de escolaridade, que decorria nas instalações da Escola sede da EBI de Lagoa, para além de promover a pratica da atividade física, aferir as aprendizagens realizadas, conviver com outros colegas de outras escolas, este servia também para dar a conhecer as instalações e a dinâmica da Escola que iriam frequentar no ano seguinte, quando ingressassem no segundo ciclo.

5. CARGOS EXERCIDOS

5.1 Diretor de Turma

O cargo de Diretor de Turma esteve sempre presente no meu percurso profissional, em especial no período que exerci nesta escola. Pelas características específicas da população escolar, os problemas sociais e todo o enquadramento educativo da escola, este papel teve sempre um caráter central no exercício da minha função enquanto docente. A direção de turma aproximou-me da realidade familiar dos meus alunos, tendo desta forma uma visão mais alargada tanto do processo de ensino como da importância da relação família/escola. Esta questão revestiu ainda maior importância pelo fato de no sistema de ensino regional, ao papel de Diretor de Turma estar sempre associada a lecionação da área curricular não disciplinar de Cidadania, na qual eram abordadas temáticas de índole mais alargado e transversal à vida escolar, como os valores cívicos, o comportamento e todas as questões do domínio das atitudes. Assim somos da opinião que no exercício do cargo de Diretor de Turma somos confrontados com duas áreas de intervenção: a docência e a gestão. Em termos práticos, o Diretor de Turma é, simultaneamente, um elemento do sistema de gestão da escola, a quem competem responsabilidades na gestão geral no Conselho de Turma que se preside, professor do seu grupo disciplinar, e como referido antes, professor de cidadania. A direção de turma revelou-se para mim como uma das experiências mais trabalhosas e importantes de todas as atividades exercidas.

A direção de turma assume-se para nós como estrutura pedagógica de gestão intermédia da escola, que tem por inerência do cargo, de coordenar e gerir pedagogicamente três fatores centrais da comunidade educativa, que sempre procurei equilibrar por forma potenciar as aprendizagens dos alunos e a sua relação com a escola, são eles: a relação com os alunos, onde é feito um seguimento da assiduidade e resultados académicos, bem como do seu comportamento na escola; a relação com os encarregados de educação, onde temos que ter uma comunicação constante, dando atempadamente informações sobre o aproveitamento dos alunos e, ao mesmo tempo, recolhendo informação sobre os mesmos; e a relação com os restantes colegas do Conselho de Turma, onde temos de os informar sobre os problemas que possam surgir com os alunos e fazer as pontes entre as informações dos encarregados de educação e órgãos

de gestão, certificando-nos, muitas vezes, que todos assumem a importância do seu papel. Foi muitas vezes neste papel que senti as maiores dificuldades, uma vez que nem sempre senti a preocupação e o acompanhamento ideal por parte das famílias, que infelizmente, e em particular nesta realidade de Lagoa ainda secundariza a importância da escola no percurso futuro dos seus educandos. Reagindo com atrito a alguma sugestão ou solicitação de colaboração mais próxima.

Ainda no que diz respeito a esta prática, consideramos que o Diretor de Turma é determinante na resolução de desacordos, sejam estes entre Professores/ Alunos, muitas vezes na mediação de situações de indisciplina na aula, ou Encarregados de Educação/ Professores do Conselho de Turma, esclarecendo situações de notas ou critérios de determinadas disciplinas, ou ainda entre os órgãos de gestão/ Professores, fazendo com que a legislação ou indicações sejam cumpridas, ou até mesmo na relação Alunos/Encarregados de Educação, por forma a ultrapassar situações de absentismo, problemas de comportamento ou questões ainda mais graves que várias vezes tive de encaminhar para a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Lagoa ou para a Equipa Multidisciplinar de Apoio ao Tribunal.

No papel de Diretor de Turma procurei promover o envolvimento das famílias e a implementação de um trabalho de colaboração entre encarregados de educação, professores e alunos, estando concentrados nos alunos e na orientação dos mesmos, gerindo a organização de um trabalho cooperativo entre os professores do conselho de turma.

Associado ao cargo Diretor de Turma, tive ainda que dar cumprimento a numerosas tarefas burocráticas, como por exemplo o preenchimento de grelhas de identificação e caracterização, processos disciplinares, justificação de faltas, requerimentos de diversas ordens, realização de Planos Educativos Individuais, realização do Projeto Curricular de Turma, e um documento específico da Escola Básica e Integrada de Lagoa que era o Plano de Prevenção do Insucesso Escolar e, claro, conhecer a legislação e as funções que dela decorrem, procurando ter uma visão integradora da escola e da comunidade educativa.

Como Diretor de Turma, tive ainda que aplicar medidas educativas e disciplinares, promover um acompanhamento mais individualizado a alguns alunos, elaborar e conservar o processo individual do aluno facultando a sua

consulta, formalizar e coordenar o processo de avaliação formativa e sumativa, mantendo informado o encarregado de educação, propor medidas de apoio educativo e presidir às reuniões de conselho de turma.

Fazendo agora esta análise retrospectiva da experiência no papel de Diretor de Turma, consideramos que o trabalho desenvolvido me trouxe várias competências importantes que estão diretamente ligadas ao desempenho desta função, tais como ser capaz de criar relações aprazíveis com os alunos, famílias, colegas e pessoal não docente, por forma a potenciar condições de aprendizagem e criar um bom ambiente educativo. Julgamos ainda necessário ter bom senso, capacidade de compreensão, ponderação e disponibilidade, ser tolerante, firme e dinâmico, tendo a capacidade de prever situações e solucionar problemas. Como análise global, no âmbito do desempenho deste cargo, consideramos que existiram alguns fatores limitativos ao desempenho das funções, quer das minhas, quer de qualquer Diretor de Turma, salientando-se o tempo reduzido de que dispomos, o excesso de burocracia, a dificuldade por vezes em contactar os encarregados de educação e obter colaboração por parte destes, para além das situações decorrentes do meio familiar em que estes alunos especificamente deste concelho de Lagoa estão inseridos e diretamente todos os fatores de ordem social.

5.2 Equipa da Saúde Escolar

Fiz parte da equipa de Saúde Escolar da EBI de Lagoa durante dois anos letivos. A equipa da saúde escolar era composta por docentes designados pelo Conselho Executivo e conta com o apoio do grupo de enfermeiros da Unidade de Saúde da Ilha de São Miguel. Este órgão teve, desde a sua origem, o grande objetivo de promover a saúde como um bem, que devemos preservar e/ou melhorar. A equipa sempre trabalhou em parcerias, como o Centro de Saúde de Lagoa, o Grupo de Educação Física a Câmara Municipal e alguns Clubes do Concelho, encaminhando, desenvolvendo atividades e sessões de sensibilização para o tema. Tentei sempre em diversas atividades e parcerias estabelecer uma relação muito próxima entre a Equipa de Saúde Escolar e a Educação Física, tanto no segundo ciclo como nas escolas do primeiro ciclo, com especial foco nos alunos mais novos, sendo os benefícios evidentes. Na

perspetiva de Moreira (2000) a Educação Física, no primeiro ciclo é de extrema importância e significado, pois fomenta o desenvolvimento integral da criança, potencia e desperta em termos educativos, as aprendizagens nas outras áreas escolares e é cada vez mais líder enquanto promotora de estilos de vida ativos e saudáveis.

A implementação de atividades pela Equipa de Saúde Escolar teve como objetivo principal promover hábitos de vida saudáveis na comunidade escolar.

Sedeado na EB2,3 Padre João José do Amaral, o Gabinete de Apoio e Promoção à Saúde era um espaço de atendimento da Equipa de Saúde Escolar aos alunos e docentes da Unidade Orgânica. Tinha por missão dotar as crianças e os jovens de conhecimentos, atitudes e valores que os ajudem a fazer opções adequadas à sua saúde e ao seu bem-estar físico, social e mental; promover o estado global de saúde e, se necessário, fazer o encaminhamento de alunos para consultas de diversas especialidades. A minha participação mais incisiva prendeu-se com o levantamento do Índice de Massa Corporal de todos os alunos da Escola, encaminhando as situações de sobrepeso, para acompanhamento nutricional na Unidade de Saúde, acompanhamento familiar mais próximo e sensibilização para hábitos de vida mais saudável, conduzindo inúmeros alunos para a prática desportiva em entidades do concelho.

5.3 Membro da Comissão de Coordenação de Desempenho Docente

Antes de mais, a referir que a inclusão durante dois anos letivos na comissão de coordenação de desempenho docente da EBI de Lagoa contribuiu para a aquisição e desenvolvimento de competências científicas e pedagógicas, mas em especial das disposições legais sobre esta questão. No entanto não foi um cargo que me deixa especial saudade, primeiro pela carga burocrática, segundo pela confusão inicial em termos legais e por último porque foi um cargo de nomeação, para o qual não me sentia especialmente vocacionado. O facto de grande parte dos colegas não olhar com naturalidade para todo este processo também foi muito pertinente, não lhe reconhecendo validade, mas apenas mais um processo burocrático. Parece-nos obvio que a avaliação de desempenho

objetiva a melhoria da qualidade do serviço educativo e das aprendizagens dos alunos e, ao mesmo tempo, objetiva a valorização e desenvolvimento pessoal e profissional dos docentes, mediante acompanhamento e supervisão da prática pedagógica, no panorama de um sistema de reconhecimento do mérito e da excelência, talvez naquele período tal ainda não estivesse completamente esclarecido na opinião de todos. Analisando o quadro legislativo existente, no que à Avaliação de Desempenho Docente diz respeito, verificamos tratar-se de um processo de supervisão interpares, em que avaliadores são professores designados para o efeito, a cumprir a missão de supervisão e ao mesmo tempo de avaliadores. Por se tratar de um processo avaliativo interpares a sua principal função é promover a melhoria da atividade profissional, com um caráter eminentemente formativo e promotor de maior competência e conhecimento profissional. No que há minha experiência nesta função, disse especial respeito, grande parte do tempo despendido, prendeu-se com a leitura e análise dos documentos dos colegas e a sua verificação em termos de efetividade prática, manifestando-se um papel eminentemente burocrático.

5.4 Representante da disciplina de Educação Física

Dado o reduzido número de docentes de EF na escola, a disciplina estava integrada no Departamento de Expressões, do qual faziam ainda parte a Educação Musical e a Educação Visual e Tecnológica. Assim cada uma das subestruturas dentro deste Departamento tinha um representante de cada disciplina. Fui o representante neste órgão durante dois anos, com a função de servir de ponte entre o Departamento e o grupo de EF, em coordenar e orientar todas as atividades desenvolvidas pelo grupo, assim como de elaborar toda a documentação inerente à disciplina, integrar novos colegas, ser o responsável pelas instalações desportivas, elaborar a planificação das atividades do grupo, a distribuição dos conteúdos ao longo do ano letivo, a rotação do espaços e o planeamento das atividades desportivas escolares. A coordenação de qualquer grupo de docentes define-se no quadro de autonomia de uma escola como uma estrutura de gestão intermédia, a quem compete, entre outros objetivos, contribuir para a planificação e desenvolvimento das atividades da escola. Foi com esse foco que desenvolvi o meu papel, delegando funções a outros colegas,

ou centrando-as em mim, consoante as necessidades. Dada a especificidade da disciplina de EF e das atividades desenvolvidas, um dos pontos pelos quais me bati e sempre defendi foi a pertinência de ter um departamento próprio, com uma estrutura própria e competências bem delineadas, depois de anos de argumentação e insistência, tal objetivo foi alcançado para o ano letivo 2018/2019, com a criação do Departamento de Educação Física e Desporto Escolar.

6. PERCURSO ENQUANTO TREINADOR DE BASQUETEBOL E COORDENADOR DA FORMAÇÃO

O meu percurso profissional enquanto docente, teve sempre em paralelo, outras atividades que fui desenvolvendo e que nos parecem pertinentes ser apresentadas neste relatório, uma vez que fazem parte integrante do meu trajeto e contribuíram de sobremaneira para o profissional da área da E.F. que hoje sou. Assim, desenvolvi atividades no âmbito da natação e hidroginástica, enquanto técnico e monitor, entre os anos 2003 e 2005, sendo responsável por turmas de adaptação ao meio aquático e hidroginástica, na piscina do health club Lusitânia, na cidade da Guarda, também nesse período fui técnico de hidroginástica na Piscina do Instituto Politécnico da Guarda. Este tipo de atividades foi extremamente motivante nesse período, pelo envolvimento muito próximo com utentes destes dois espaços, desde os três anos para os alunos de adaptação ao meio aquático, até aos setenta, de algumas alunas de Hidroginástica e por me fazer olhar para esta realidade como uma possibilidade de encaminhamento profissional. No entanto, esta função foi secundarizada, à medida que o Basquetebol começou a ganhar alguma predominância na minha atividade. O basquetebol apareceu ainda durante a minha licenciatura, em dois mil e dois, por insistência do meu professor dessa modalidade. Depois de me ter certificado como treinador de nível I, inicio pouco tempo depois o meu trajeto como treinador do escalão de Iniciados do Núcleo de Basquetebol de Almeida, e mais tarde do escalão de Cadetes, colaborando também nos trabalhos das seleções distritais da Guarda. Função que exerci até a ida para os Açores, no ano de dois mil e cinco.

Na Ilha de São Miguel estive sempre ligado à modalidade enquanto treinador e também como jogador. Entretanto certifiquei-me como treinador de nível II, e fui realizando esta função em vários clubes e com vários escalões desde sub-12 a seniores. A partir da época 2006/2007, centro a minha atividade na Cidade da Ribeira Grande, inicialmente no Clube Desportivo da Casa do Povo da Ribeira Grande e mais tarde no Clube Desportivo Escolar os Fusesiros. Sempre como treinador de um dos escalões e coordenador da Formação de ambos os clubes. O crescimento da modalidade na cidade foi exponencial, e em

poucos anos a modalidade passou a ter um peso importante na dinâmica desportiva da cidade e do concelho. O trabalho enquanto treinador, sempre me aliciou e a minha motivação para essa atividade foi sempre muito intensa, mas o cargo de coordenador da formação, foi aos poucos adquirindo muita importância no clube e na minha atividade.

Passamos a apresentar agora neste relatório um resumo do trabalho desenvolvido enquanto coordenador da formação de basquetebol do Clube desportivo Escolar os Fuseiros.

Aqui objetivamos o progresso deste cargo, de forma concreta, expondo função exercida, no seu máximo fulgor na época 2017/2018. Esta função já era exercida por mim a várias épocas, como tal, há uma sequência natural do trabalho realizado nas épocas anteriores. Era evidente para todos os intervenientes que este cargo era central, estava completamente definido no clube e revelava-se estruturante para todo o desenvolvimento da modalidade. Os objetivos dessa época foram plenamente alcançados e foi muito claro o crescimento que o clube foi ganhando no meio, na modalidade e na Cidade da Ribeira Grande.

Como em todas as épocas em que exerci este cargo, também para esta época os objetivos principais definidos, não passaram por questões classificativas ou de rendimento, estes ficam secundarizados perante o desenvolvimento dos nossos atletas de forma integrada, com a aquisição fundamentada dos conceitos de jogo e de identificação com os princípios do clube, assim desde o início pretendemos dar seguimento a estes objetivos: realização efetiva, de um plano de formação, desde o escalão de minis até ao escalão de juniores/seniores, onde todos os treinadores saibam exatamente que componentes trabalhar e qual a meta idealizada para cada escalão, tendo em conta o nível de desenvolvimento dos nossos atletas; controlo e perceção real e direta do trabalho desenvolvido nos vários escalões, com observação periódica de treinos e jogos assim como de reuniões com os respetivos técnicos; envolver cada vez mais dos pais e encarregados de educação, no processo desportivo dos seus filhos, informando-os constantemente; desenvolvimento de um plano de formação interna que potencie as capacidades e conhecimentos dos técnicos, de forma a ter uma aplicação real desses conteúdos em treino; organização da

modalidade de Basquetebol na sua vertente estrutural, organizativa e técnica; tentar o apuramento de uma das nossas equipas para o campeonato regional, por forma a validar a evolução dos atletas; integração de atletas da nossa formação na equipa sénior, sendo que dois ainda eram sub-20 e cinco eram sub-18.

Por forma a elucidar de melhor forma a dinâmica do clube apresentamos agora a estrutura do clube e os escalões que estavam sobre a minha coordenação técnica.

Escolinhas A

- Monitor: Prof. Sérgio Aparício;
- 10 Atletas;
- Participaram em 5 convívios - 4 da Associação de Basquetebol de São Miguel (ABSM) e 1 dos Serviços de Desporto de São Miguel (SDSM);
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo.

Escolinhas B

- Monitor: Prof. Sérgio Aparício;
- 11 Atletas;
- Participaram em 5 convívios (4 ABSM e 1 SDSM);
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo.

Escolinhas C

- Monitor: Dina Silva;
- 10 Atletas;

- Participaram em 5 convívios (4 ABSM e 1 SDSM);
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo.

Escolinhas D

- Treinador: Carlos Anastácio;
- 12 Atletas;
- Participaram em 5 convívios (4 ABSM e 1 SDSM);
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo.

Escolinhas E

- Treinador: Carlos Anastácio;
- 12 Atletas;
- Participaram em 5 convívios (4 ABSM e 1 SDSM);
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo.

Escolinhas F

- Treinador: Carlos Anastácio;
- 12 Atletas;
- Participaram em 5 convívios (4 ABSM e 1 SDSM);
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo

Mini 12 A masculinos

- Treinador: Paulo Mourisca;
- 11 Atletas, 11 federados;
- Participaram em 8 convívios da ABSM;
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo.

Mini 12 B masculinos

- Treinador: Carlos Anastácio;
- 10 Atletas, 10 federados;
- Participaram em 8 convívios da ABSM;
- A classificação foi variável, sendo que nem sempre os convívios foram de carácter competitivo.

Iniciados/Sub-14 masculinos

- Treinadores: Carlos Miguel Jacinto (principal) /Luís Furtado (adjunto);
- 11 Atletas;
- Classificação: 2º lugar no Campeonato de Ilha; 2º lugar na Taça de São Miguel; 3º lugar no Campeonato Regional; 2º lugar no 1º Torneio Intercalar; 1º lugar no 2º Torneio Intercalar;
- 4 Atletas participaram na seleção de Ilha;
- 2 Atletas participaram na seleção Açores;
- 1 Atleta em estágio de observação da Seleção Nacional.

Cadetes/ Sub-16 masculinos

- Treinadores: Luís Dâmaso (principal) /Carlos Miguel Jacinto (adjunto);

- 11 Atletas;

- Classificação: 2º lugar no Campeonato de Ilha; 2º lugar na Taça de São Miguel; 3º lugar no 1º Torneio Intercalar; 1º lugar no 2º Torneio Intercalar; 1º lugar no 1º Torneio ABSM: 1º lugar no 2º Torneio ABSM;

- 2 Atletas participaram na seleção de Ilha.

Juniores/ Sub-18 masculinos

- Treinadores: Luís Dâmaso;

- 10 Atletas;

- Classificação: 3º no Torneio de abertura; 3º no Campeonato de Ilha; 3º Taça de São Miguel.

O cargo de coordenador da formação, só teve o efeito pretendido, dada a proximidade com os outros treinadores do clube, trabalhando todos com o mesmo objetivo. Achamos que a tutoria é central neste papel, assim e como definido no clube, com o conhecimento, interesse e cooperação de todos, o coordenador observou mensalmente os treinos das equipas, e também pelo menos uma vez por mês, acompanhou um jogo de todos os escalões, de forma a enquadrar e desenvolver a relação técnicos/coordenador, coordenando assim de forma direta o trabalho realizado, foram feitas reuniões com os técnicos logo de seguida, que serviram para avaliar e controlar o trabalho realizado.

A saber:

A 21/09/2017, reuni com todos os treinadores, transmitindo a minha total disponibilidade de colaboração para ultrapassar eventuais dificuldades de cada

escalão, e fornecer documentação relativa ao plano de formação do clube, analisa-la e esclarecer eventuais dúvidas;

Foram realizadas reuniões mensais com os treinadores dos escalões de minis (mini 10 e mini12), a: 12/10/2017, 9/11/2017, 14/12/2017, 18/01/2018, 8/02/2018, 15/03/2018, 19/04/2018 e 17/05/2018, num total de 8 reuniões; com os treinadores (principal e adjunto) dos escalões iniciados, cadetes e juniores/seniores a: 19/10/2017, 16/11/2017, 19/12/2017, 25/01/2018, 22/02/2018, 22/03/2018, 26/04/2018 e 24/05/2018, num total de 8 reuniões (Estas tiveram sempre um modo informal, onde se partilha e troca ideias, sugestões ou esclarecimento de dúvidas em relação aos respetivos escalões);

Observação e análise (mensal) dos treinos de todas as equipas do clube, trabalhando em conjunto, sugerindo mas também trocando vivências e experiências com os técnicos. Estas observações e posterior análise, decorreram nos dias das reuniões com os respetivos técnicos;

Observação de pelo menos um jogo por mês de todas as equipas do Clube, e posteriormente abordar e analisar o nível técnico das atletas e as atitudes do técnico, nas reuniões mensais com os mesmos. Estive ainda presente em vários convívios de minis realizados.

Reunião com treinadores, atletas e Encarregados de Educação dos atletas selecionados para os trabalhos das seleções de ilha, e seleção Açores, e de um atleta para um estágio de observação da seleção Nacional, no escalão de iniciados,

Reunião com treinadores, atletas e Encarregados de Educação dos atletas selecionados para os trabalhos das seleções de ilha, no escalão de cadetes.

Reuniões periódicas com a Direção do Clube, pela pessoa do seu Presidente, de forma a dar conta do desenvolvimento da época desportiva, coordenação de transportes e de recursos;

Reunião final, a 05/07/2018 com técnicos e direção do clube para o levantamento das situações ocorridas durante a época desportiva, necessidades sentidas, objetivos alcançados e projeção da época seguinte.

Como coordenador fui também responsável pelo planeamento de todo o trabalho relativo a ações de formação, sendo ele responsável por toda a organização, convites aos formadores e logística inerentes.

Assim realizaram-se as seguintes ações de formação:

- “Motivação para a prática desportiva”, realizada a 20/03/2018;
- “Alongamentos e flexibilidade”, realizada a 02/04/2018;
- “Alteração às regras”, realizada a 12/06/2018

Outras funções e competências estiveram também sob orientação e direção do coordenador da formação, a destacar as mais evidentes:

Definição e adaptação de um plano de formação, os seus conteúdos técnicos, físicos e táticos, e da sua operacionalização em conjunto com os técnicos, controlando e avaliando o desempenho dos técnicos e até dos atletas, por escalão de forma a poder corrigir desvios do plano definido;

Organização da documentação necessária á federação dos atletas (fotos, autorizações, inscrições, guias, atestados médicos, etc.);

Representação do clube em questões administrativas, ou de comunicação com outros clubes com a associação de basquetebol ou outras entidades esta ação é sempre realizada em consonância com o presidente do clube;

Organização e dinamização de ações de promoção, apresentação e divulgação do clube e da modalidade, em cooperação com A Câmara Municipal da Ribeira Grande;

Elaboração, organização de todo o plano de formação interna, e todos os trâmites para a sua concretização prática, para os técnicos e atletas de forma que possa aumentar os conhecimentos de cada um destes agentes desportivos;

Organização do dossier do departamento de basquetebol, dotando o mesmo com um sistema documental onde toda a informação seja arquivada para uma pesquisa mais eficaz;

Apresentação de um Projeto de Coordenação da Formação e os objetivos, do seu desenvolvimento desportivo e conseqüentemente dos relatórios detalhados das atividades, elaborados por referência ao mesmo, a dar conhecimento ao Clube, Câmara Municipal da Ribeira Grande, Associação de Basquetebol de São Miguel e Direção o Desporto.

7. ORGANIZAÇÃO DE PROVAS DE TRAIL RUN

Para alguém, como eu, que tem pelo desporto em geral, uma paixão enorme e pela natureza uma paixão semelhante, correr em trilhos na Ilha de São Miguel é quase um processo natural e inevitável. Quando, há muito mais de dez anos, já cansados de algumas corridas em estrada na ilha de São Miguel, em conjunto com outros colegas, começámos a correr por trilhos, descobrir caminhos praticamente abandonados, subir montanhas, descobrir lagoas ou cascatas inacessíveis de outra forma, ou simplesmente sair á descoberta sem rumo definido, estávamos muito longe de saber que, na prática, estávamos a fazer trail running. A determinada altura estava de tal forma viciado nesta atividade que era impensável passar mais de três ou quatro dias sem “sair para o mato”, como genuinamente eu e os colegas de atividade lhe chamávamos. A manhã de sábado ou domingo era semanalmente reservada para realizar uma corrida de maior distância por percursos já conhecidos ou então ir há descoberta de novos trilhos. Com o tempo, a experiência e principalmente com o conhecimento do terreno, cada vez mais colegas ou apenas curiosos se queriam juntar a nós, foi nessa altura que todos percebemos que esta modalidade começava a difundir-se pelo mundo e milhares de pessoas por todo o lado sentiam o mesmo que nós, que correr em montanha, na natureza, é de facto incrível e arrebatador. Durante estes anos a modalidade teve um crescimento exponencial na Ilha de São Miguel e nos Açores em geral. Foi durante uma dessas manhãs de sábado que percebemos que tínhamos em mão um potencial enorme, quer desportivo quer turístico, pelas oito horas da manhã estávamos a percorrer trilhos algo novos para nós, na zona do Pico da Vara, concelho do Nordeste, e com enorme estupefação começamos ver por ali dezenas de atletas franceses a fazer, basicamente o mesmo que nós, percebemos pelo ritmo, pelo equipamento que usavam e pela utilização de dorsal que, não se tratavam de simples turistas a passear, mas antes de atletas em prova. Abordámos um deles e foi quando percebemos, que de facto se tratava de uma prova organizada por uma empresa de turismo francesa especializada neste tipo de atividades. Mais tarde falámos com um dos organizadores que nos explicou melhor o conceito e nos convidou para a prova do dia seguinte, na zona das Sete Cidades, no dia percebemos o que levou mais de cinquenta franceses a vir correr nos nossos

trilhos, mal eles sabiam que com o nosso conhecimento do terreno poderíamos ter passado por locais ainda mais incríveis. É então que cerca de um ano mais tarde, as provas de trail run se implementam na Ilha de São Miguel e depois pelos Açores em geral. A minha colaboração inicia-se com a realização do Ecologic Trailrun apenas com a definição dos percursos e a marcação dos mesmos, uma vez que queria participar enquanto atleta. A mesma equipa organizativa cria mais tarde também o Epic Trailrun, e na sua primeira edição a minha colaboração foi semelhante. Com o crescimento da modalidade e do número de atletas e toda a logística inerente a provas deste tipo, as duas provas tomaram destinos diferentes e são hoje organizadas por entidades diferentes. Fiquei então apenas ligado à organização do Epic. Na sua primeira edição, em 2015 contou com cerca de oitenta atletas, maioritariamente atletas da ilha, alguns de outras ilhas e cerca de duas dezenas do Continente, nesta edição a minha colaboração prendeu-se com a definição do percurso e a sua marcação. Decorreu em duas etapas, com uma corrida noturna no dia dez de outubro, o EPIC15 e a corrida principal, o EPIC28, no dia seguinte. O EPIC15 decorreu no Parque Florestal do Pinhal da Paz e nas suas redondezas. O EPIC28 teve início no Pico da Barrosa, na lagoa do Fogo e chegada nas Portas do Mar. Foi organizada também no dia dez uma EPICaminhada, com percurso circular, por forma a possibilitar a participação a todos, mesmo daqueles que não se sentem fisicamente tão preparados, no trilho da Lagoa do Fogo no concelho de Vila Franca do Campo. Por forma a transmitir os seus conhecimentos e experiências e promover a prova teve como atleta convidado o ultra maratonista João Colaço.

Na segunda edição, em 2016 a minha colaboração foi semelhante uma vez que o percurso e a dinâmica da prova foi completamente alterada. A prova mudou de local e cresceu em distância e dificuldade. Foram organizadas duas corridas uma de trinta quilómetros e uma maior de sessenta quilómetros e uma caminhada. No dia quinze de outubro a corrida ultra do EPIC60 teve partida de Vila Franca do Campo, junto ao pavilhão Açor Arena com a Base de Vida montada no local de partida do EPIC30, a vila de Água de Pau. No dia seguinte a caravana da organização juntou-se, novamente, em Água de Pau para a EPICaminhada, num passeio de cerca de dez quilómetros com a inauguração

do novo trilha desenvolvido pela Câmara Municipal da Lagoa. O número de participantes e a sua distribuição foi muito semelhante ao ano anterior.

Em 2017 o paradigma da prova, muda com a nossa vontade de crescer e com o maior apoio das instituições locais. Esta foi sem dúvida a afirmação do EPIC no panorama nacional da modalidade. Tendo a organização alterado a data da prova para dezembro e sendo este mês a data da realização da final da Taça de Portugal na distância de trail pela Associação de Trail Running Portugal (ATRP). Para tal foram iniciados contactos com a direção e o governo regional, que percebeu o potencial turístico desta prova e a importância de trazer a São Miguel os melhores atletas nacionais para disputar esta primeira edição da final da taça. A minha participação nesta edição, para além da definição do percurso e a sua marcação, prendeu-se muito mais com mais questões logísticas e organizativas. Fui ainda o coordenador da organização dos vários vassouras, das várias provas. O tipo de envolvimento numa prova destas requer muito mais dedicação, tempo e empenho, e na prática há sempre inúmeras coisas a tratar, e vimo-nos obrigados a convidar muito mais voluntários a colaborar connosco. Esta edição do EPIC cresceu para a categoria de três dígitos e para uma corrida de Ultra-Trail Endurance, o EPIC100. Esta corrida teve partida no dia um de dezembro na Lagoa das Sete Cidades à meia-noite. Para a prova da Taça de Portugal, o EPIC40-ATRP, para atletas federados e finalistas da Taça de Portugal e para a corrida EPIC40-Open, aberta a todos os atletas, a partida foi dada junto à praia de Água d'Alto no Hotel Pestana Bahia Praia, no concelho de Vila Franca do Campo. Às dez e trinta foi dada a partida do EPIC15 no Parque Florestal do Cerrado dos Bezerros. Todas as chegadas foram concentradas na idílica Lagoa das Furnas, junto às caldeiras do cozido das Furnas. Esta edição colocou à prova a nossa resiliência e capacidade de ultrapassar constantes incidentes, uma vez que toda a prova decorreu debaixo de um enorme temporal, com níveis de precipitação elevadíssimos, condicionando várias questões logísticas e até de segurança. Esta edição deu uma projeção enorme à prova, sendo a organização muito elogiada por todos, inclusivamente por inúmeros atletas federados e alguns estrangeiros, muito experimentados neste tipo de provas, que destacaram para além das incríveis paisagens, a enorme qualidade da organização. Esta edição contou com a participação de cerca de quinhentos

atletas, oriundos de todas as ilhas dos Açores, mais de duas centenas do Continente e muitas dezenas de estrangeiros. Teve ainda como atleta convidado o ultra maratonista Armando Teixeira

Em 2018, que foi a quarta edição, a prova fica marcada por vários motivos, para mim em especial, porque marca o meu regresso á ilha, propositadamente para a organização da prova, e depois, pelo aumento do número de provas e da sua distância, agora a prova maior com cento e vinte quilómetros. Ficou marcada também por uma reviravolta total na escolha do percurso, partindo a prova da Vila do Nordeste no sentido Este – Oeste em direção ao pavilhão Açor Arena em Vila Franca do Campo. Ao contrário da edição anterior as condições climatéricas que se fizeram sentir no dia da prova foram excelentes, o que permitiu aos atletas desfrutar de toda a envolvência das paisagens maravilhosas da ilha de São Miguel. De forma mais direta para além das funções das edições anteriores, nesta quarta edição, fui o coordenador de todos os postos de abastecimento e controle, sendo responsável por toda a logística inerente a onze postos, e cerca de quarenta voluntários. Foi sem dúvida a minha maior experiencia organizativa, com mais cinquenta horas sem dormir e com uma adrenalina constante. Só assim seria possível levar a cabo a organização de uma prova destas, que ganhou uma projeção e respeito enorme, muito pelo envolvimento dos elementos da organização e dos seus voluntários. Na minha memória ficaram sempre o entusiasmo das partidas do EPIC120 na Vila do Nordeste, a moldura humana das partidas do EPIC30 e EPIC15 na Vila de Água de Pau, e o incrível nascer do sol no abastecimento do Castelo Branco e as infinitas vistas da ilha a partir do Pico da Barrosa. Esta foi a confirmação dos três dígitos no EPIC com num total de quinhentos e quarenta inscritos, distribuídos pelas quatro provas, e de dezoito nacionalidades.

8. REFLEXÃO FINAL

A elaboração deste relatório de atividade profissional provocou em mim uma reflexão das minhas vivências pessoais, experiências acadêmicas e profissionais. Estas foram e são, de grosso modo, as responsáveis pela estruturação da minha visão enquanto indivíduo e enquanto profissional de educação. Observamos as nossas vivências profissionais, quaisquer que elas sejam como uma influência sempre positiva, estas tornaram-me uma pessoa observadora, crítica em relação a mim mesmo, observador e influenciado pelo contexto onde ocorreram todas as situações relatadas. Assim, concluiremos este trabalho refletindo sobre vivências como professor de Educação Física.

Se há algo que posso afirmar com toda a certeza é que sempre fui e sou um profissional dedicado e empenhado que tenta levar a cabo a profissão que sempre desejei centrada no aluno e no processo de ensino-aprendizagem.

Ao longo deste relatório, desenvolvemos vários tópicos por forma a enquadrar o meu percurso em vários âmbitos. No enquadramento e contextualização do espaço de intervenção abordámos vários parâmetros relativos ao meio onde a Escola Básica Integrada de Lagoa está inserida, e às condições da escola propriamente ditas. Entendemos que a perceção da realidade onde se exerce a função docente tem um peso importante na nossa ação pedagógica, foi com esse intuito que nos debruçámos nesta temática e a relacionámos com a minha prática letiva.

Seguidamente elaborámos uma reflexão da atividade docente, focando aqui aspetos de ordem mais teórica, ainda assim, alicerçados em exemplos reais da minha prática letiva. Obviamente, existe neste campo muito suporte bibliográfico que sustenta esta questão e a importância deste enquadramento no exercício da função docente, procurámos enquadrar teoricamente questões que vão desde o planeamento em Educação Física até questões da avaliação ou da observação, que na especificidade da Educação Física se distanciam das outras disciplinas.

O desempenho da profissão de professor está diretamente relacionada com o exercício de vários cargos, esta também foi a minha realidade. O papel de Diretor de Turma, é aquele que sempre adquiriu um plano mais central e permanente no meu percurso, apresentámos de que forma exerci esta função e todos os outros cargos, uns com mais preponderância que outros, e com mais relação com a Educação Física do que outros, mas todos eles desenvolvidos com empenho e profissionalismo.

Nos capítulos finais, aportámos ocupações exercidas fora da realidade docente, mas que ainda assim, entendemos serem pertinentes de figurar neste relatório, uma vez que representam funções que desempenhei com seriedade e que de forma direta tem uma relação com a Educação Física e o Desporto em geral.

Em suma, esperamos ter apresentado da melhor forma possível a realidade vivenciada neste período, e que este relatório sintetize, de facto, o empenho e motivação com que exerci as minhas funções, com a certeza que o professor é o pilar do sistema de ensino, será urgente a sua revalorização sob prejuízo de um futuro menos consciente e com cidadãos menos capazes a todos os níveis.

9. BIBLIOGRAFIA

Documentação consultada

Decreto Regulamentar nº 2/2010, de 23 de junho, regulamenta o sistema de avaliação do desempenho do pessoal docente estabelecido no Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário.

Despacho Normativo Regional n.º 33/2004 de 17 de junho de 2004, regulamenta a Organização e Gestão da Educação Física e do Desporto Escolar.

Portaria Regional n.º 75/2014 de 18 de Novembro de 2014, aprova o regulamento de Gestão Administrativa e Pedagógica de Alunos.

Decreto Legislativo Regional n.º 13/2013/A, regulamenta o regime de criação, autonomia e gestão das unidades orgânicas do sistema educativo regional.

Plano Integrado de Promoção do Sucesso Escolar de 2017, Escola Básica Integrada de Lagoa.

Plano de Ação Estratégica de 2019, Escola Básica Integrada de Lagoa.

Referências

Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*, 3ª Edição, Lisboa: Livros Horizonte.

Freire, P. (1982). *Considerações em torno do ato crítico de estudar*. In: FREIRE, P. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gaiarsa, J. A. (1985). *Sobre a Escola para o novo Homem*, São Paulo: Editora Ágora.

- Lopes, H., Gouveia, E., Alves, R. & Correia, A. (2014). Problemáticas da Educação Física I. Funchal: Universidade da Madeira.
- Mendes, F. (2012). O Contributo da Educação Física no Combate ao Insucesso Escolar: A Perspetiva dos Professores de uma Escola Básica e Secundária do Concelho de Celorico de Basto (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Ministério da Educação. (1998). Programa de Educação Física, Plano de Organização do Ensino-aprendizagem, 3ª edição. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreira, P. (2000). Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico: contributo para a sua efetiva implementação. Tese de Mestrado em Ciências do Desporto. (Dissertação de Mestrado não publicada) Universidade do Porto, Porto
- Mota, J. (2002). Atividade Física e Saúde, Fatores de influência da atividade Física nas crianças e adolescentes. Porto: Campo das Letras

Webgrafia

<https://edu.azores.gov.pt/>

<https://censos.ine.pt>

<http://srec.azores.gov.pt/dre/sd/115121030500/>

www.atrp.pt

www.azores.gov.pt

www.lagoa-acoeres.pt

www.pordata.pt/